



**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
PORTARIA/MEC Nº. 2560 DE 15/09/03**

FÁTIMA ELIANE OLIVEIRA BORBA

**DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NOS ANOS
INICIAIS: Percepções de professores da EMEIF Juvenal Ferreira,
em Jamanxim, Trairão- Pará**

**Itaituba-Pará
2021**

FÁTIMA ELIANE OLIVEIRA BORBA

**DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NOS ANOS
INICIAIS: Percepções de professores da EMEIF Juvenal Ferreira,
em Jamanxim, Trairão- Pará**

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Pedagogia da Faculdade de Itaituba. Orientadora:
Prof.^a Esp. Lucia Maria da Costa Cruz.

Itaituba- Pará
2021

ACADÊMICA: FÁTIMA ELIANE OLIVEIRA BORBA

**DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NOS ANOS
INICIAIS: Percepções de professores da EMEIF Juvenal Ferreira,
em Jamanxim, Trairão- Pará**

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Pedagogia da Faculdade de Itaituba. Orientadora:

Prof.^a Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____
Prof.^a Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

Avaliador 01: _____ Nota: _____
Prof.^a. Margaret Ferreira Aguiar, Esp.

Avaliador 02 : _____ Nota: _____
Prof.^a. Edilane da Silva Melo. Esp.

Resultado: _____ Média: _____

Data: 30 de Julho de 2021

A Deus pela sua proteção e à
minha família, pela compreensão
incondicional nos momentos de
ausência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por conceder-me esta vitória;

À minha mãe Antônia Oliveira Borba, pelo incentivo e motivação para que eu pudesse concluir meu curso;

Agradeço aos meus filhos, Wanda Camilly Borba Silva e Júlia Antônia Borba, pela compreensão;

Meus agradecimentos aos meus irmãos Ismael Oliveira Borba e Mônica Patrícia Oliveira, pelo apoio incondicional;

À minha sobrinha Rafaela Santos Borba, por compreender-me;

Aos meus colegas e amigos, Regilene Rocha Reque, Eliton Pereira Silva, Gustavo Mattos, Francilene e Aparecida Monteiro, pela amizade construída no decorrer do curso;

Aos professores da FAI, especialmente ao coordenador do curso de Pedagogia Prof. Dr. Francisco Cláudio e à minha orientadora Lucia Maria da Costa Cruz, pela dedicação e por compartilharem conhecimentos;

Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para esta conquista, meus cordiais agradecimentos!

"A leitura torna o homem completo; a conversação
torna-o ágil; e o escrever dá-lhe precisão."

(Francis Bacon)

RESUMO

O presente trabalho abordou desafios da alfabetização e letramento nos anos iniciais, na EMEF Juvenal Ferreira, em Jamanxim, trairão- Pará, por meio de uma pesquisa bibliográfica, com teóricos tais como Brasil (1998), Cagliari (1998), Ferreira (1989), Garcia (2001), Moreira (2002) e um estudo de campo com abordagem qualitativa, em Novembro de 2020, onde investigou-se quatro professores que trabalham na escola, por meio de questionários elaborados a serem respondidos individualmente. Para tanto, foram necessários questões que direcionaram o trabalho, tais como: Quais os problemas que consistem em desafios para a alfabetização e letramento nos anos iniciais? Quais estratégias metodológicas são trabalhadas pelos professores, para a alfabetização dos alunos? A instituição escolar dispõe de recursos humanos e materiais para o desenvolvimento da alfabetização nos anos iniciais?. Os objetivos almejados consistiram em Analisar as percepções de professores quanto aos desafios da alfabetização e letramento nos anos iniciais; Identificar desafios dos professores para a alfabetização e letramento nos anos iniciais; Observar procedimentos metodológicos utilizados pelos docentes; Verificar recursos humanos qualificados e materiais disponíveis na escola, para o trabalho de desenvolvimento do ensino aprendizagem dos alunos nos anos iniciais. À seguir, ocorreu a análise e coleta das pesquisas, com comentários e discursões, propostas contribuintes para os professores e a conclusão de todo o trabalho, onde concluiu-se que os desafios da alfabetização e letramento estão presentes na escola e precisa-se direcionar um olhar diferenciado para essa questão, por meio de metodologias e acompanhamento dos pais na escola.

Palavras- chave: Alfabetização. Letramento. Desafios.

ABSTRACT

The present work addressed the challenges of literacy and literacy in the early years, at EMEF Juvenal Ferreira, in Jamanxim, in the city of Pará, through a bibliographic research, with theorists such as Brasil (1998), Cagliari (1998), Ferreiro (1989) , Garcia (2001), Moreira (2002) and a field study with a qualitative approach, in November 2020, where four teachers working at the school were investigated, using questionnaires designed to be answered individually. For that, questions were needed that guided the work, such as: What are the problems that consist of challenges for literacy and literacy in the early years? What methodological strategies are worked on by teachers, for students' literacy? Does the school have human and material resources for the development of literacy in the early years? . The objectives sought were to analyze the perceptions of teachers regarding the challenges of literacy and literacy in the early years; Identify teachers' challenges to literacy and literacy in the early years; Observe methodological procedures used by teachers; Check qualified human resources and materials available in the school, for the development work of teaching students' learning in the early years. Next, there was the analysis and collection of research, with comments and speeches, contributing proposals for teachers and the conclusion of all the work, where it was concluded that the challenges of literacy and literacy are present in the school and it is necessary to direct a different look at this issue, through methodologies and monitoring of parents at school.

Keywords: Literacy. Literacy. Challenges.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01	Quais os problemas que consistem em desafios para a alfabetização e letramento nos anos iniciais na escola?	48
QUADRO 02	Quais estratégias metodológicas são trabalhadas pelos professores, para a alfabetização dos alunos?	49
QUADRO 03	A instituição escolar dispõe de recursos didáticos-pedagógicos para o desenvolvimento da alfabetização nos anos iniciais? Quais?.....	50
QUADRO 04	Os professores estão qualificados para trabalhar a alfabetização dos alunos? Justifique sua resposta....	52
QUADRO 05	A escola desenvolve projetos para facilitar a alfabetização dos alunos? De que forma?	53
QUADRO 06	Os pais contribuem com a educação dos filhos? Como?	54
QUADRO 07	Quais são os benefícios que os pais proporcionam na escola para a aprendizagem dos alunos?	55

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 ABORDAGEM SOBRE O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	14
1.1 ESCRITA E LEITURA NO CONTEXTO EDUCACIONAL	14
1.2 APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA DO PROCESSO DE LER E ESCREVER	18
1.3 PROCESSO EVOLUTIVO DA NATUREZA HUMANA	21
1.4 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E DA ESCRITA PARA A CRIANÇA	24
2 DIFICULDADES DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	30
2.1 O PROCESSO DE ENSINO/ APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA PARA AS CRIANÇAS.....	30
2.2 A ESCOLA E O DESENVOLVIMENTO DO SUJEITO.....	33
2.3 A DOCÊNCIA E SUAS PEDAGÓGICAS NOS ANOS INICIAIS	36
2.4 CONTRIBUIÇÕES DO ACOMPANHAMENTO FAMILIAR PARA A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA	41
3 DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NAS SÉRIES INICIAIS: PERCEPÇÕES DE PROFESSORES DA EMEIF JUVENAL FERREIRA, EM JAMANXIM, TRAIRÃO-PARÁ	45
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA PESQUISADA	45
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	46
3.3 PERFIS DOS ENTREVISTADOS.....	47
3.4 RESULTADOS DA PESQUISA COM OS PROFESSORES.....	47
3.5 PROPOSTAS CONTRIBUINTES	56
CONCLUSÃO	58
REFERÊNCIAS	59
APÊNDICES	62

INTRODUÇÃO

O referido Trabalho de Conclusão de Curso, abordou os desafios da alfabetização e letramento nos anos iniciais, com percepções de professores da EMEIF Juvenal Ferreira, em Jamanxim, município de Trairão- Pará. A partir de uma pesquisa bibliográfica, onde consultou-se alguns autores para início do trabalho tais como: Brasil (1998), Cagliari (1998), Ferreiro (1989), Ferreiro (2001), Garcia, (2001), Moreira, (2002), já que foi feito um levantamento e uma investigação de campo, com abordagem qualitativa, em Novembro de 2020.

Para tanto, buscou-se responder às seguintes questões norteadoras: Quais os problemas que consistem em desafios para a alfabetização e letramento nos anos iniciais? Quais estratégias metodológicas são trabalhadas pelos professores, para a alfabetização dos alunos? A instituição escolar dispõe de recursos humanos e materiais para o desenvolvimento da alfabetização nos anos iniciais?

Objetivando sucesso na pesquisa, almejou-se analisar as percepções de professores quanto aos desafios da alfabetização e letramento nos anos iniciais; Identificar desafios dos professores para a alfabetização e letramento de alunos nos anos iniciais, observar procedimentos metodológicos utilizados pelos docentes para a alfabetização e letramento dos alunos e verificar recursos humanos qualificados e materiais disponíveis na escola, para o trabalho de desenvolvimento do ensino aprendizagem dos alunos nos anos iniciais, relativo ao letramento.

Diante do estudo, percebeu-se que as dificuldades que incidem em desafios dos professores frente à alfabetização e letramento, é uma realidade que precisa ser trabalhada de forma conjunta, com um olhar diferenciado e medidas que possam chegar ao sucesso dos alunos.

Estruturado em três capítulos, o trabalho abordou no capítulo I, o processo de alfabetização e letramento, a escrita e leitura no contexto educacional, a aprendizagem significativa do processo de ler e escrever, os processos evolutivos da aprendizagem humana e a importância da leitura e da escrita para a criança.

O segundo capítulo ressaltou dificuldades da criança para a alfabetização e letramento, a escola e o desenvolvimento do sujeito, a docência e suas práticas

pedagógicas nos anos iniciais e contribuições do acompanhamento familiar para a educação da criança.

O terceiro capítulo trouxe o resultado da pesquisa com quatro professores que trabalham na escola, com a descrição da instituição, procedimentos pedagógicos, perfis dos entrevistados, o resultado das respostas dos investigados, coletas e análises dos dados, comentários e discursões. Também foram sugeridas algumas propostas para contribuir com o trabalho pedagógico, ea conclusão de todo o trabalho.

Portanto, na perspectiva, de instaurar um processo metodológico para sanar os desafios da alfabetização e letramento, como práticas pedagógicas e adaptações curriculares no ensino de língua portuguesa, percebe-se que não é tarefa fácil e, tão pouco, cabe única e exclusivamente à escola. O ato de alfabetizar, não pode ser subestimado em prol das práticas de letramento; ao contrário, precisa ser seriamente considerado em planejamentos, na ludicidade e escolhas metodológicas. Todavia, devido as dificuldades, projetos coletivos fazem a diferença, onde a causa é de todos os que estão inseridos no contexto educacional.

1. ABORDAGEM SOBRE O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

1.1 ESCRITA E LEITURA NO CONTEXTO EDUCACIONAL

No âmbito escolar, a leitura e a escrita são práticas que requerem que o aluno adquira competências específicas para que possa se apropriar do conteúdo lido de forma a significá-lo e ressignificá-lo no seu dia a dia. Sobretudo, a escola é considerada como um dos importantes ambientes de construção e apropriação desses conhecimentos ora reproduzidos, ou criados e tem o compromisso de implementar e desenvolver atividades que coloquem o aluno diante de desafios impostos pela leitura e interpretação de um mundo letrado e no qual está inserido aos grupos sociais aos quais está inserido.

Diante disso, os professores são os principais articuladores e promotores dessas práticas organizadas e planejadas de conhecimento e reconhecimento de um mundo letrado. A partir de um planejamento estruturado, segundo a diversidade de possibilidades linguísticas que a linguagem em suas múltiplas formas pode oferecer, e de atividades e estratégias capazes de abrir os caminhos para que cada forma de linguagem ganhe sentido para o aluno, o professor vai abrindo e criando espaços para que os processos linguísticos possam ser assimilados e compreendidos, preparando uma nova identidade ao sujeito.

É indiscutível a importância da leitura e escrita nos anos iniciais da vida de qualquer aluno. No entanto, o que seria uma aquisição imprescindível e sem maiores transtornos, muitas vezes, torna-se algo dificultoso e controverso. É consenso entre os teóricos que se debruçam sobre esta questão, que um dos entraves que contribuem para essa problemática é o fato de que "a escola valoriza a língua escrita e censura a língua oral espontânea que se afaste muito dela. (SOARES, 2005, p. 22).

Essa prática, sem dúvida, acaba por dificultar o processo de ensino e aprendizagem, que, segundo a autora, caracteriza-se por seus preconceitos linguísticos e culturais que afetam o processo de alfabetização, levando ao fracasso escolar das crianças das classes populares. Isso porque se consolida a ideia errônea de que apenas a modalidade escrita é a correta e que a oralidade é algo que o precisa ser "consertada".

Dessa maneira, o aluno é alfabetizado com a ideia de substituição e não de soma, o que torna esse processo de aquisição da leitura e escrita um fracasso e muito mais dificultoso e conturbado. Em outras palavras, o professor tenta substituir

a linguagem oral do aluno por uma linguagem que é possível apenas no universo da escrita, uma vez que aquela é considerada errônea e precária e, esta, a ideal e correta.

No entanto, é notório que a linguagem escrita a ser adquirida pelos alunos, é uma modalidade diferente da modalidade oral, com aspectos e peculiaridades que atendem as especificidades de cada contexto (oral e escrito) e, por isso, precisam ter tratamentos distintos e numa perspectiva de soma, na qual o aluno deve adquirir uma habilidade a mais na sua competência linguística, portanto, somatória, em que ao conhecimento linguístico seja acrescentado novos conceitos nos quais serão praticados em contexto totalmente diverso, que é a prática de escrita, diferentemente da oralidade.

Ainda segunda Soares (2005), a complexidade da sociedade moderna exige conceitos também complexos para descrever e entender seus aspectos relevantes. O conceito de letramento surge então para explicar o impacto da escrita e leitura em todas as esferas de atividades e não somente nas atividades escolares.

Letramento não é um método, é uma prática que envolve um conjunto de atividades visando a um desenvolvimento de estratégias ativas de compreensão da escrita e da leitura. O letramento está associado aos muitos conhecimentos que se desenvolveram, a partir da escrita e com a escrita, como grandes campos de saber. Estes conhecimentos se organizam de modos diferentes, com textualidades heterogêneas e estão associados a conteúdos diversos. (KLEIMAN, p. 34, 1995).

Nessa perspectiva, é preciso compreender que o letramento não acontece apenas no espaço escolar, mas em todos os espaços sociais. Assim, é possível que a criança se torne letrada por meio de um objeto, um filme, livros, pessoas com as quais convivem, sendo que o ambiente a qual estas estão inseridas são fatores essenciais de letramento.

Soares (2003), por sua vez, contribui com a discussão acerca do letramento afirmando que a palavra letramento é de uso ainda recente e significa o processo de relação das pessoas com a cultura escrita. Assim, não é correto dizer que uma pessoa é iletrada, pois todas as pessoas estão em contato com o mundo escrito. Mas, se reconhece que existem diferentes níveis de letramento, que podem variar conforme a realidade cultural.

De acordo com a autora supracitada, o termo ganha espaço a partir da constatação de uma problemática na educação, pois através de pesquisas,

avaliações e análises realizadas, chegou-se à conclusão de que nem sempre o ato de ler e escrever garante que o indivíduo compreenda o que lê e o que escreve. Entretanto, se reconhece que muito mais que isso, é realizar uma leitura crítica da realidade, respondendo satisfatoriamente as demandas sociais.

Daí a importância de se compreender essa diferenciação entre alfabetização e letramento, na qual ainda se tem uma ideia equivocada quando muitos compreendem o letramento como um estágio avançado do processo de alfabetização. É necessário o entendimento, pois, de que o termo Alfabetização, segundo Soares (2005), etimologicamente, significa levar à aquisição do alfabeto, ou seja, ensinar a ler e a escrever.

Assim, a especificidade da alfabetização é a aquisição do código alfabético e ortográfico, através do desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita. O que significa dizer que a criança que é alfabetizada não necessariamente consegue ler e interpretar criticamente um texto, pois a decodificação nem sempre garante que a criança dá sentido ao que lê, sendo necessário, o desenvolvimento da habilidade leitora considerando o conhecimento de mundo. Portanto, a noção de letramento está associada ao papel que a linguagem escrita tem na nossa sociedade, pois como postula Kleiman (2005),

[...]o conteúdo terá sentido para os alunos, que irão construindo conhecimentos gradativamente e desenvolvendo uma atitude transformadora da sociedade, pois ele perceberá que conhecimento científico faz parte da sua vida e pode contribuir para melhorá-la. As atividades devem promover tanto a alfabetização como o letramento, de maneira, que o ensino do código alfabético seja conciliado com o seu uso social em diferentes ocasiões. (KEIMAN, 2005, p. 122)

Logo, o professor alfabetizador deve também utilizar, criar estratégias de ensino de acordo com as características de seus alunos, sem esquecer que a educação é um ato político e deve romper com as situações de opressão que muitas vezes as pessoas sofrem e nem a percebem.

O professor, portanto, tem um papel muito importante a realizar, para que esse pensamento crítico se desenvolva em seus alunos. Para Freire (1996, p.14) “[...] percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo.”

É imprescindível, portanto, que o educador esclarecido de uma realidade de opressão, não torne o processo de ensino bancário e improdutivo, mas uma educação que desvende o mundo material e liberte as pessoas da opressão, como defende Freire (1970). Não se pode mais pensar numa educação estanque, em que se desconsidere o papel do professor no processo de libertação, no qual o aluno precisa ser direcionado ao pensamento crítico e sustento de sua cidadania.

Ademais, um ponto primordial ao se tratar de prática pedagógica é reconhecer que os alunos já possuem conhecimentos prévios, assim, é importante que os professores façam um diagnóstico do conhecimento de seus alunos, para saberem de onde devem partir e planejar suas atividades. Daí a importância de se entender que é nesse processo que se enquadra a questão do letramento que precisa ser considerado quando se trata de aquisição da leitura e escrita.

Nesse sentido, partindo da prática social, o conteúdo terá sentido para os alunos, que irão construindo conhecimentos gradativamente e desenvolvendo uma atitude transformadora da sociedade, que vai além de um molde preestabelecido que se engendram em atitudes moldadas e mecânicas.

Logo, os alunos, numa perspectiva de trabalho com alfabetização atrelada ao letramento, tonam-se potenciais cidadãos críticos e transformadores, capazes de olhar criticamente a realidade e com poder de interferir no processo de construção social de forma contundente e diferenciada, tornando o trabalho do professor realmente produtivo relevante e definidor no aspecto de transformação social, indo além de mero reprodutor de códigos a serem decodificados.

Por fim, acredita-se que é possível, sim, atingir a qualidade na educação das classes de alfabetização, com práticas educacionais que utilizem diferentes metodologias, que proporcionem tanto o desenvolvimento da alfabetização quanto o desenvolvimento do letramento de cada sujeito, através do qual ele possa ser autor de sua vida e de transformações. Segundo Soares (2005):

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita se dá simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização, e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. (SOARES, 2005, p. 32);

Do ponto de vista das autoras em questão, entretanto, pode-se dizer que, hoje, alfabetizar distanciando as crianças do mundo letrado, isto é, dando ênfase à língua como um sistema, e não à língua como um bem cultural, como uma linguagem social, é sonegar informações importantes às crianças, que são decisivas para a sua entrada no mundo letrado.

Portanto, ao considerar que a aquisição da leitura e da escrita são atos que exigem processos organizados metodologicamente, pode-se afirmar que também dependem de estímulo e motivação e que o hábito de ler e de escrever pode ser adquirido em qualquer época da vida do estudante, a partir do ambiente familiar ao contexto escolar.

1.2 APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA DO PROCESSO DE LER E ESCREVER

A aprendizagem das habilidades de leitura e escrita são primordiais no início da vida escolar da criança e essa experiência de alfabetização e letramento vão muito além do espaço da sala de aula. Essa competência precisa estar vinculada à experiência de vida da criança.

É consensual entre os teóricos que estudam essa questão, que de acordo com a classe social, os alunos têm contato com a leitura e escrita de modo diversificado, o que culmina em uma prática que relativiza de acordo com o contexto em que estas estão inseridas. Em outras palavras, é a partir da classe social da criança e do ambiente em que vivem, que se terá um direcionamento mais nítido a respeito da aquisição das habilidades de leitura e escrita na escola. Nas palavras de Tfouni (2005);

As experiências das pessoas com a leitura e a escrita variam muito conforme a classe social a que pertencem. Em certas famílias, a leitura e a escrita fazem parte da vida cotidiana: jornais e cartas são lidos e comentados, bilhetes e listas de compras são escritos, cheques são preenchidos. Na maioria das famílias pobres, os atos de leitura e escrita são raros ou mesmo inexistentes, seja porque as pessoas não aprenderam a ler, seja porque as suas condições de vida e trabalho não exigem o uso da língua escrita. (TFOUNI, p. 41, 2005)

Desse modo, entende-se que, quando o ensino das primeiras letras é muito dissociado dos usos da leitura na vida social, o aluno conclui que se aprende a ler e escrever para passar de ano e para copiar os exercícios dados pela professora.

Ou seja, o uso não se estabelece de maneira proativa na realidade social do aluno, uma vez que este não tem contato com o universo da leitura e escrita por meio da sua família e no espaço em que vivem.

No entanto, se a alfabetização for conduzida de forma a demonstrar que a leitura e a escrita têm função aqui e agora, e não apenas num futuro distante, é provável que o indivíduo se sinta mais motivado para o esforço que a aprendizagem exige. É necessário que essa aprendizagem da leitura e escrita, numa perspectiva da alfabetização vinculada ao letramento, seja construída de maneira significativa, na qual a criança faça relação dessa prática da sala de aula com a necessidade de se comunicar por meio de textos na vida social.

Partindo desse pressuposto é que Kleiman (2005) adverte para a necessidade de se estabelecer uma prática em que se pudesse direcionar atividades de maior interesse para as crianças. Desse modo, seria interessante se as atividades propusessem escrita para destinatários reais, contendo um objetivo e uma finalidade específica, sempre envolvida por momentos de socialização, na qual poderiam conversar com os colegas e comparar suas hipóteses, revisando e aprimorando o que escrevem.

Vale reforçar a ideia de que as práticas pedagógicas que buscam direcionar o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita nas séries iniciais, deve partir do pressuposto de que a criança já chega na escola com conhecimentos prévios, assim, e que a identificação desse conhecimento é muito importante para que os professores percebam de onde devem partir suas atividades e como direcionar de forma instrumentalizada o processo de alfabetização. Zilberman (2008) contribui com a discussão afirmando que:

[...]o que precisamos ter claro é que a alfabetização precisa ser significativa, envolvente, os alunos precisam sentir-se como parte integrante do processo, onde seu cotidiano, suas histórias e ideias sejam valorizadas e incorporadas nas atividades realizadas. É isso que, infelizmente, não ocorre na sala pesquisada, pois os alunos não têm a oportunidade de discutir, estabelecer relações com sua história de vida, porque os textos trabalhados não são contextualizados. (ZILBERMAN, p. 67, 2008).

No entanto, conforme o autor, os textos de cartilha utilizados pela professora, em sua maioria, não possuem função social. São textos com simples agrupamento de frases que não condizem com o cotidiano dos alunos. O processo

de aprendizagem da habilidade de leitura e escrita perpassam por um processo mecânico e descontextualizado, sendo mais prejudicial do que satisfatório para os alunos.

É preciso observar que o debate, a reflexão e a troca de ideias e experiências são elementos importantíssimos para o momento do planejamento, pois além de integrar a equipe em busca dos mesmos objetivos, permite a socialização de saberes, o aprimoramento e a apropriação de fundamentações teóricas que sejam colocadas em discussão e análise.

Conforme Cagliari (2001), para que se possa ter um bom rendimento escolar é necessário que se tenha uma alfabetização desde o início dos estudos de uma criança, considerando a ideia de que a alfabetização pressupõe o aprendizado do código e a utilização social, portanto, não é somente um processo de aquisição de habilidade de forma mecânica, mas alfabetizar é compreender, criticar, interpretar e produzir conhecimento sobre a leitura e a escrita.

Esse processo de ensino voltado para uma vida objetivando a formação social, é um dos principais objetivos da Base Nacional Comum Curricular, a nova matriz referencial curricular do Ministério da Educação (MEC), uma vez que, segundo os pressupostos desses referenciais um indivíduo com uma educação baseada na realidade social, possibilita a construção de novos conhecimentos e acesso aos bens materiais e culturais que a sociedade nos proporciona no nosso cotidiano.

A função da escola é introduzir a criança no mundo da escrita, tornando-a um cidadão totalmente letrado, isto, é, um sujeito capaz de fazer uso da linguagem escrita para a sua necessidade individual de crescer cognitivamente e para atender às várias demandas de uma sociedade que prestigia esse tipo de linguagem como um dos instrumentos de comunicação. (CAGLIARI, 2001, p.47)

Nessa perspectiva, ao se considerar o sujeito social, entende-se atividade da leitura como algo que completa a atividade da escrita, por isso é uma interação entre modalidades, o leitor como um dos sujeitos da interação atua participativamente buscando compreender os conteúdos. Desse modo, à medida que os professores em sala, promovem, mas situações de leitura, conseqüentemente, estarão melhorando o processo de escrita dos alunos.

No entanto, para que esse objetivo seja alcançado com êxito, faz se necessários momentos destinados somente a leitura, buscando-se métodos para

que o aluno possa sentir interesse em ler, pois atividade da leitura favorece a ampliação das informações, que o leitor já possui.

Até os dias atuais a prática pedagógica do aprendizado da leitura e escrita por meio de cartilhas perdurou o longo período de ensino tradicional, inclusive, até os dias de hoje, muitos professores ainda usam essa metodologia de ensino que ajuda muito no aprendizado dos alunos, sendo este método centrado no domínio do código, revelaram-se suficientes dadas as condições históricas próprias do aprendizado da leitura, tais como o uso da escrita, as cartas, os bilhetes, etc., No entanto, esse referido método torna-se obsoleto como forma de aprendizagem no mundo globalizado e com necessidades de interlocução diferente da realidade de um ensino tradicional.

1.3 PROCESSOS DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Para estudiosos de vários ramos da ciência humana e da linguagem, a forma de adquirir conhecimentos e a forma como acontece a aquisição de linguagem, têm suas explicações mediante as diversas teorias, o que significa que, o indivíduo ao adquirir a linguagem, perpassa pelos vários estágios, incluindo conjunto de mecanismos que o faz a ter probabilidade mais evidente de aprender, conforme estabelecido.

Conforme Fernandes (2010), esse tipo de teoria, foi essencial para a evolução de vários métodos que foram utilizados ou experimentados em humanos, estritamente às faixas etárias que apresentam grandes chances de ser efetivado. Desse modo, existem no campo destas teorias, vários indícios que afirmam que criança para adquirir a linguagem, ela pode ser induzida de forma natural ou de forma artificial, estimulada por alguma forma externa.

Dentre os fundadores das teorias mais importantes da aquisição da linguagem, estão Chomsky, Piaget e o Skinner, cada com suas teorias distintas, vale enfatizar que suas teorias foram adotadas dentro as perspectivas educacionais, pelo que se viu, nenhuma dessas teorias apresentaram relacionamento de boa fé, isto é, por alguma razão sempre tiveram conflitos em ideias. (FERNANDES, p. 79, 2010)

De acordo com Parot (1978), Skinner foi o fundador do Behaviorismo, quer dizer, deu continuidade dessa, porém deixando sua marca. Uma vez que, este

relaciona o behaviorismo como “filosofia da ciência do comportamento”. Segundo Parot (idem), nesta corrente o Skinner fez com que esta teoria marcasse sua postura. E essa marca, é de contrariar a essência do espiritualismo, típicos dos primeiros behavioristas, sendo é visto como forma de se posicionar contra o mentalismo, principalmente na área da Psicologia.

De acordo com Martins (2008, p. 1), o behaviorismo no âmbito da Psicologia, é tida como ‘teoria e método de investigação psicológica que procura examinar do modo mais objetivo o comportamento humano e dos animais, com ênfase nos fatos objetivos (estímulos e reações, sem fazer recurso à introspecção)’. Assim, para Parot (1978), é muito importante deixar de recorrer ao conceito de espírito e muito especialmente às vontades, às necessidades, às motivações, aos interesses, aos sentimentos... para explica o comportamento, pois estes conceitos por si mesmos não explicam nada e é até necessário explica-los.

Desse modo, uma das razões da originalidade de Skinner na corrente behaviorista, ao nível da aquisição da linguagem considera-se dois elementos primordiais, que são: a história dos reforçamentos que o sujeito experimentou e a situação na qual o comportamento é realizado. Ademais, esse lado teórico que envolveu na história da educação o famoso “behaviorismo”, em que considerada crianças como animais, por acreditar é possível ensiná-la através de estímulos, ou seja, precisa ser “castigada” ou “submetida” à uma condição de exigência, para behaviorismo, a criança aprende.

Martins (2008), à medida que o Behaviorismo foi aplicado, este visava o ensino-aprendizagem da linguagem, conforme relata. No que se respeita ao mecanismo da aquisição da linguagem Skinner considera que, como para todo o comportamento, é o condicionamento operante que pode ter um papel importante:

Em presença de um certo estímulo (referência-objecto), o indivíduo emite uma certa resposta (uma palavra) que o ambiente reforça ou não (incompreensão das outras pessoas, correcção pela mãe, obtenção do objeto...). O ambiente que condiciona uma tal aprendizagem inclui, evidentemente, todos os discursos entendidos pela criança, as realizações da sua língua materna e é a sua relação com o ambiente que explica a sua aquisição. (PAROT, 1978, p. 122)

Nesse ponto teórico instala-se behaviorismo, como foi mencionada, a teoria que defendia que aquisição da linguagem precisa ser estimulada pelos esforços e estímulos, no caso, segundo a este pressuposto, todas as pessoas tinham caráter

iguais, igual a de um animal, por isso, para estimular aprendizagem precisa de um algum tipo de método.

Já outra teoria, que fora fundada pelo Chomsky, diferencia o que é defendida pelo Skinner. Assim, esse teórico, acreditava que, a criança para aprender não precisa de estímulos, daí que nasce o inatismo. Segundo essa teoria, era fundamentada no seguinte princípio, "contra a tábua rasa ele postula que a criança vem ao mundo com capacidades – verbais em particular – já programadas", (PAROT, 1978).

Ainda sobre a especificidade da teoria do inatismo do Chomsky, Parot esclarece que no caso de uma criança de ano e meio, todas as potencialidades gramaticais estão já presentes, mas se a criança não as utiliza é porque é necessário esperar a colocação certa dos diversos utensílios de realização, dos filtros psicológicos, com as operações mnemônicas, perceptivas, fonatórias, etc. que realizaram essas potencialidades. Dessa maneira, segundo a Teoria Inatista,

...a rapidez com que a criança vem a utilizar uma estrutura muito complexa, como é a linguagem, não pode explicar-se pelos mecanismos da imitação ou da aprendizagem descritos pelos psicólogos; tanto mais que acontece frequentemente a criança produzir discursos totalmente novos que jamais ouviu e que foram criados graças à capacidade inata a que Chomsky chama de competência. (PAROT, 1978, p. 117)

No caso do inatismo, acreditava que, a criança desse nascimento já nasce capacidade inata, que existe dentro da criança e precisar estimular, uma vez que as habilidade de adquirir conhecimento já vem preparado desde o ventre materno, essa postura que contrariou o que o behaviorismo defendia.

Vale destaca ainda outra importante Teoria da Aquisição da Linguagem defendida por Jean Piaget. Conforme Parot (1978), a teoria Cognitivista contrariou ambas a teorias acima mencionadas. Piaget considera que, quatro fatores intervêm no seu desenvolvimento: a experiência do mundo, a maturação, o meio social e o equilíbrio que ele define como uma função biológica característica de todos os organismos vivos e que tem por objetivo responder, por processos de regulamentação e de compreensão, aos desequilíbrios provocados pelo meio. (PAROT, 1978)

Por outro Lado, a teoria tida como Interacionismo, acreditava que, as pessoas adquirem aprendizagem por se relacionar como meio e de maneira

simultânea, o conhecimento era adquirido tanto com o contato com meio quanto com a relação entre as pessoas.

Logo, de acordo com os postulados de Vigotsky o desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem, ou seja, pelos instrumentos linguísticos construídos na experiência social. É por meio da linguagem que a criança produz cultura, constrói conhecimentos nas trocas com outras crianças e adultos. Na medida em que a Educação Infantil amplia a experiência linguística das crianças, ela cria melhores condições para a ampliação também de seu pensamento.

Essa teoria interacionista de Vigotsky é a que sustenta a ideia de que a Educação Infantil deve prever um trabalho sistemático de exploração da linguagem verbal, a fim de “garantir experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos”. (Oliveira, 2012, p.212).

Diante de tudo isso se percebe o tamanho da responsabilidade e da importância que a educação infantil tem na vida escolar de nossas crianças, o papel da escola e do professor é fundamental ambos devem mostrar as possibilidades de escrita e como ela está presente socialmente nas suas diversas funções.

Assim, conforme o conceito mais plausível eficiente do processo de aquisição da linguagem, o professor deve oferecer atividades motivadoras que despertem nas crianças o desejo de aprender. Ao fazer essas mediações, partindo de um conceito de aquisição da linguagem mais condizente com o que se espera do ensino, o professor estará visando à formação de pessoas críticas e participativas na sociedade.

1.4 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E DA ESCRITA PARA A CRIANÇA

No início da vida, as grandes motivações são semeadas na vida do indivíduo. As melhores memórias e mais importantes conceitos e prioridades começam a surgir na infância. É então nesse momento em que o ser humano adquire a consciência do que deve ser entendido na primeira fase da vida.

Neste sentido, a criança, desde cedo, faz a leitura do mundo que a rodeia, sem ao menos conhecer palavras, frases ou expressões, pois é próprio do ser humano desejar o conhecer, decifrar a curiosidade, de

modo a refletir novos conhecimentos. Ademais, o processo de leitura e escrita inicia-se antes mesmo da escolarização. A criança o adquire no recinto familiar e em sua convivência no meio social o empenho pelo ato de ler e de escrever. Ademais, conforme Mortatti (2006)

O ato de ler é indispensável ao indivíduo, pois acomoda a admissão do mesmo no meio social e o caracteriza como cidadão participante. A criança aprende a ler antes mesmo de entrar na escola, nas situações familiares. Nos primeiros anos de vida, o incentivo à leitura deve ter maior ênfase, até mesmo porque as percepções cognitivas infantil está mais a florada, com mais ânsia de captar tudo que está em sua volta. (MORTATTI, 2006, p. 12)

Nessa perspectiva, a criança que faz parte do universo da leitura é ativa e está sempre pronta a desenvolver novas habilidades, ao contrário daquelas que não possuem contato com esse universo, pois esta se prende dentro de si mesma com ,medo' de tudo que a cerca. "A leitura, como o andar, só pode ser denominada depois de um longo processo de crescimento e aprendizado." (BARBOSA, 2013, p.39).

Assim, a aprendizagem da linguagem escrita e oral é um processo cognitivo que se realiza de modo diverso em cada indivíduo. O ensino e a aprendizagem da linguagem escrita e oral vão depender de um trabalho coletivo de todos os professores, pois não bastam somente projetos de leitura isolados, ou mesmo a prática dos professores, para que o processo de letramento e escrita tenha sentido ao aperfeiçoar-se na escola.

Uma das primeiras pesquisadoras a analisar a influência dos pais no desenvolvimento inicial do letramento de seus filhos, em trabalhos realizados com crianças que iniciavam seus estudos na pré-escola, concluiu que os leitores precoces tendem a vir de famílias que estiveram mais dispostas a auxiliá-los a aprender a ler, cujos pais desenvolviam com estas atividades que promoviam o letramento, em especial a leitura de livros e atividades com os sons das letras. (BARBOSA, p. 42, 2013)

Para Barbosa (2013), pesquisas do mundo todo mostram que a criança que lê e tem contato com a literatura desde cedo, principalmente se for com o acompanhamento dos pais, é beneficiada em diversos sentidos: ela aprende melhor, pronuncia melhor as palavras e se comunica melhor. Uma criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e reconhece seu uso e

função, já adentrou no mundo do letramento e, de certa forma, pode ser considerada letrada.

A partir dessas considerações sobre o contato com a leitura, entende-se que, quando a criança tem essa vivência desde o início da sua vida, esta se torna muito mais propícia a adquirir a escrita de modo mais fácil. E sabe-se que por meio da leitura e escrita o ser humano se constrói como sujeito ativo e crítico, no ambiente onde está inserido estabelecendo condições para refletir sobre vários aspectos e formular opiniões sobre vários assuntos buscar conhecimentos que passa a adquirir.

Tal entendimento propôs a ideia de que a formação de jovens leitores e escritores competentes se constitui por meio do contato com diversos textos, relacionando os dados textuais, com a prática da escrita, sendo um meio onde o sujeito, passa a desenvolver suas habilidades, e dando continuidade a esse processo ensino e aprendizagem. Conforme Zilberman (1999):

Crianças que desde os primeiros anos de vida se habituem a manusear livros infantis e ouvem histórias contadas pelos pais, avós ou babás e mais tarde leem aventuras cujos protagonistas são crianças de sua mesma faixa etária, provavelmente desenvolverão com mais rapidez o ofício da leitura. Essas crianças, na fase adulta, com certeza sentirão um imenso prazer na leitura. São capazes de ler e escrever mais facilmente desenvolve a imaginação e amadurecem a sensibilidade mais rapidamente que outras crianças em situações adversas. (ZILBERMAN, 1999, p. 88)

Diante disso, a formação de sujeitos letrados, ou seja, de sujeitos que praticam a leitura e a escrita em suas vidas, que as utilizam como forma de expressão, de diálogo, de interação com o mundo e com outros sujeitos e, assim, também se sentem sujeitos, implica a utilização, pela escola, de materiais escritos dos mais variados tipos, formatos e linguagens. É por meio de práticas que aprende-se a língua, ou seja, é lendo e escrevendo ou falando. E toda criança ao ser alfabetizada não desconhece a língua falada.

Conforme Foucambert (2004) desde o primeiro dia, o desenvolvimento cognitivo da criança se opera pela inferência do sentido de determinados elementos de uma situação fortemente envolvente. Na opinião desse autor, a partir das situações nas quais interage, a criança cria um sistema provisório que lhe permite antecipar índices pertinentes para a classificação, a denominação, a ação, entre outros.

Assim, em sala de aula, a primeira motivação para ler é simplesmente a alegria de praticar habilidades recém-adquiridas, o prazer da atividade intelectual recém-descoberta e do domínio de uma habilidade mecânica. Se o professor responder a essa motivação com material de leitura fácil, emocionante, apropriado ao grupo de idade específico, e desenvolver esse primeiro material com livros de dificuldade crescente, essas crianças se tornarão excelentes leitoras. Para ser um excelente leitor, é necessário gostar de ler.

Desse modo, no processo de aquisição da leitura e escrita a criança, conforme com Kleiman (2002, p. 56) “a leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção dos significados do texto, a partir dos seus objetivos e dos conhecimentos sobre o que se ler, e se escreve sobre o mesmo”. Nesse sentido, ler é um ato complexo, que envolve tanto a decifração do que se ler como também a construção do sentido do que se leu.

Kleiman (idem) também defende a ideia de que a leitura requer um leitor ativo que venha a entender o que ler nas linhas e nas entrelinhas, mas que principalmente saiba ocasionar a relação entre o texto que leu e outros que já havia lido. Dessa maneira, o leitor precisa entender que vários sentidos irão aparecer e podem ser atribuídos a um texto que, ao se ler, consiga justificar a sua leitura com base em elementos discursivos, que levam a mobilizar o que já se sabe, para saber o que ainda não sabe, e assim seja possível conhecer seus implícitos.

De acordo com Soares (2005), na atual década, a sociedade encara o letramento de maneira mais consciente, uma vez que saber ler e entender se faz muito necessário para o exercício da cidadania. Ademais, o domínio das práticas sociais é imprescindível para a interação num mundo globalizado e cada vez mais competitivo. Assim, Ferreiro (2002, p. 45) afirma que:

É necessário considerar que o desenvolvimento das competências leitoras dos alunos é de suma importância para que se possa atuar com autonomia nas sociedades letradas, o desenvolvimento do ato de ler está ligado às habilidades do escrever, pois isso corresponde ao que se conhece do letramento e a sua integração com os mais variados tipos de gêneros textuais. (FERREIRO, 2002, p. 45)

A entrada da criança no mundo da leitura e também da escrita vem a ocorrer simultaneamente por meio do que Soares (2005, p. 23) chama de “alfabetização e suas várias facetas”. É indispensável, pois, afirmar que a participação efetiva dos

letrados na sociedade depende com certeza da alfabetização e do letramento que se tem diferentes abordagens, mas são inseparáveis e complementares para desenvolver a competência comunicativa dos educandos.

A importância da leitura e da escrita, sem sombra de dúvidas, está presente nas falas dos professores, por ser ela um instrumento extremamente efetivo para o desenvolvimento das funções superiores cognitivas. Na Educação Infantil, entende-se que a criança precisa estabelecer contato com a cultura letrada, para que possa se constituir cidadão pleno e autônomo no que diz respeito a estas habilidades.

Assim, a aprendizagem pode ser definida como uma modificação do comportamento do indivíduo no decorrer de seu aprendizado, fazendo com que o mesmo passe a evoluir na sua vida fazendo que os sujeitos passem a conquistar seus objetivos e suas conquistas, tudo o que se passa na vida de um indivíduo é um aprendizado diferente fazendo assim, que o sujeito adquira novos conhecimentos contínuos diariamente.

Conforme Alves (2007), a aprendizagem começa através de um processo contínuo tendo o princípio começando através da convivência familiar, pelas culturas, tradições e vai aperfeiçoando-se no ambiente escolar que vem complementar o aprendizado do aluno, passando assim fazer parte da vida social do indivíduo que buscar adquirir uma aprendizagem.

Assim, existem diversas situações que favorecem o aprendizado da leitura e escrita que é desenvolvido processualmente; mas, existem muitos problemas que podem causar dificuldades na aprendizagem de um sujeito, esses empecilhos devem ser combatidos veementemente por todos os educadores que acreditam em uma educação diferenciada, especialmente nas séries iniciais, no contexto de uma formação inicial da criança.

Assim, para que a leitura e escrita sejam desenvolvidas, é preciso, antes de tudo, que perceba dificuldades que dificultam esse aprendizado, tais como: um ambiente familiar que não estimule a criança a estudar, causando desinteresse na criança, um ambiente familiar com pouca influência sociolinguística, pode interferir no desenvolvimento das aptidões e habilidades desempenhadas pela criança, além falta de acompanhamento dos pais nas atividades dos filhos, uma vez que se torna imprescindível para a aprendizagem um ambiente doméstico tranquilo e saudável.

Ademais, o processo sobre o conhecimento da escrita vai se construindo através da prática discursiva na relação ensino/aprendizagem, uma vez que, a

escola tem o papel social de ensinar de acordo com a forma convencional da escrita. "Ao participar de situações pedagógicas que promovam o discurso, o diálogo, as indagações e os questionamentos, o sujeito pensa e reflete sobre sua escrita e, aos poucos, desenvolve habilidades cognitivas" (ROJO, 2011, p. 84).

Sendo assim, a criança não meramente "grava" fonemas e grafemas, copia ou repete, mas ela processa, elabora esse conhecimento dinamicamente, discursivamente e "escreve" de modo diferente, em diferentes momentos de um mesmo texto.

Crianças evidenciam o gosto, interesse e prazer em brincar no espaço escolar, mas também demonstram curiosidade pela leitura e escrita. Nesse sentido, é fundamental garantir o direito à ludicidade, assim como o direito ao acesso ao mundo escrito por meio dessa mesma ludicidade. Em diferentes situações do cotidiano escolar, as crianças dão sinais desse interesse pela leitura e escrita, e isso não lhes pode ser negado pelo educador. (ROJO, p. 45, 2011)

Logo, para que esse direito se efetive, as práticas educativas devem respeitar as especificidades da primeira infância, tomando como eixos norteadores as interações e a brincadeira em primeiro plano. Vivenciar a escrita de modo espontâneo e lúdico, sobretudo, por meio da literatura, é essencial para que as crianças tenham acesso à linguagem escrita. As crianças têm direito a terem contato com saberes e conhecimentos socialmente construídos, e a escola tem o dever de garantir esse direito, sem perder de vista as especificidades da criança e a importância do brincar para o seu pleno desenvolvimento.

Enfim, é preciso despertar este sentimento no aluno, inicialmente na criança, utilizando assim estratégias que despertem o gosto pela leitura neste público que conseqüentemente se tornaram leitores conscientes da importância deste ato para sua vida acadêmica e enquanto cidadão, que exercerá suas funções em uma sociedade crítica e em constantes mudanças.

2 DIFICULDADES E IMPORTÂNCIA DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

2.2 O PROCESSO DE ENSINO/ APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA PARA AS CRIANÇAS

Em consonância com Liberato (2007), a leitura e escrita fazem parte do desenvolvimento e crescimento do conhecimento populacional, brasileiro visando assim o progresso educacional no Brasil, sendo dois pontos de suma importância na educação brasileira. Desde muito tempo a leitura foi classificada, apenas, como um canal de propagação de um comunicado importante. Hoje, ler significa um processo mental de vários níveis, o que contribui e muito para o desenvolvimento intelectual, profissional e social do ser humano.

A imprescindibilidade da leitura deve ser reconhecida socialmente, pois a vida individual, social e cultural de um sujeito, se dá devido à aquisição do hábito de leitura desde a infância até a fase final do seu desenvolvimento, pois desenvolve as potencialidades intelectuais de cada um, o de aprender, desenvolver e progredir. O ato de ler não nasce com o indivíduo, assim como as outras funções vitais.

É possível que o leitor não consiga ler um texto que, embora escrito numa língua que ele domina, trate de um assunto sobre o qual ele não tem informações. No entanto notou-se que quando o leitor não consegue captar o sentido do texto lido, tudo dificulta. (LIBERATO, 2007, p. 14).

Este ato precisa ser ensinado e aprendido, e neste processo o professor é o mediador do aluno dando todo o suporte ao sujeito orientando-o, ensinando-o, mostrando ao aluno, meios onde ele possa aprender a ler. O hábito da leitura é importante na vida intelectual, profissional e social das pessoas, e a leitura, é um instrumento essencial para um ensino-aprendizado satisfatório e significativo, pois é por meio dele que se abrem novos horizontes e torna-se possível entender e aprofundar conhecimentos sobre o mundo, até mesmo atuar nele como cidadão de direito. Segundo Freire (1988),

A importância do ato de ler, que implica sempre a percepção crítica, interpretação e reescrita do lido [...]. É na interação com a leitura, sendo esta uma ferramenta de aprendizado e crítica, mas também de distração e diversão, que o leitor relaxa, aprende e se desenvolve continuamente. (FREIRE, 1988, p. 21)

Logo, por meio da leitura e escrita o ser humano se constrói como sujeito ativo e crítico, no ambiente onde está inserido estabelecendo condições para refletir sobre vários aspectos e formular opiniões sobre vários assuntos buscar conhecimentos que passa a adquirir. Tal entendimento propôs a ideia de que a formação de jovens leitores e escritores competentes se constitui por meio do contato com diversos textos, relacionando os dados textuais, com a prática da escrita, sendo um meio onde o sujeito, passa a desenvolver suas habilidades, e dando continuidade a esse processo ensino e aprendizagem. Conforme Zilberman (1999):

Crianças que desde os primeiros anos de vida se habituam a manusear livros infantis e ouvem histórias contadas pelos pais, avós ou babás e mais tarde leem aventuras cujos protagonistas são crianças de sua mesma faixa etária, provavelmente desenvolverão com mais rapidez o ofício da leitura. Essas crianças, na fase adulta, com certeza sentirão um imenso prazer na leitura. São capazes de ler e escrever mais facilmente desenvolve a imaginação e amadurecem a sensibilidade mais rapidamente que outras crianças em situações adversas. (ZILBERMAN, 1999, p. 88)

Assim, é por meio da leitura que o sujeito aprende o vocabulário específico de certos gêneros e ainda por ela que aprendemos os padrões gramaticais peculiares da escrita, também aprendemos as formas de organização sequencial, ou seja, como começam e terminam certos tipos de textos. É uma atividade essencial e primordial na vida de cada sujeito; sobretudo, na era em que a tecnologia vem cada vez mais avançando no mundo global.

Furtado (2007), apresenta a leitura como fundamental importância na vida de um sujeito, proporcionando a ele um ponto de vista positiva para assim pode conviver numa sociedade bem melhor, de modo que, o leitor que tem domínio na leitura, também passa a ter domínio na escrita, tendo assim uma interação entre leitura e escrita, proporcionando a si mesmo um convívio saudável na sociedade independente das culturas serem diferentes.

Dito de outro modo, se por um lado, é relevante evidenciar que a criança interaja sobre esse objeto de conhecimento, elaborando hipóteses, estabelecendo relações; por outro lado, é necessário ressaltar que não basta proporcionar à criança contato com o material escrito, para que ela desenvolva naturalmente um processo de conhecimento da língua escrita. Conviver e vivenciar com leitores

próximos a uma criança ajuda no aprendizado esse processo, que mesmo lento, obtém-se resultados.

Os professores cada vez mais buscam adquirir conhecimentos, fazem cursos, se atualizam para assim poder transmitir métodos adquiridos para facilitar o aprendizado daqueles alunos, que sentem dificuldades em aprender ler e escrever.

Quando a aprendizagem não se desenvolve conforme o esperado para a criança, para os pais e para a escola ocorre a "dificuldade de aprendizagem". E antes que a "bola de neve" se desenvolva é necessário a identificação do problema, esforço, compreensão, colaboração e flexibilização de todas as partes envolvidas no processo: criança, pais, professores e orientadores. O que vemos são crianças desmotivadas, pais frustrados pressionando a criança e a escola. (FURTADO, 2007, p. 03)

Até os dias atuais a prática pedagógica do aprendizado da leitura e escrita por meio de cartilhas perdurou o longo período de ensino tradicional, inclusive, até os dias de hoje, muitos professores ainda usam essa metodologia de ensino que ajuda muito no aprendizado dos alunos, sendo este método centrado no domínio do código, revelaram-se suficientes dadas as condições históricas próprias do aprendizado da leitura, tais como o uso da escrita, as cartas, os bilhetes, etc.,

No entanto, esse referido método torna-se obsoleto como forma de aprendizagem no mundo globalizado e com necessidades de interlocução diferente da realidade de um ensino tradicional. Ou seja, conforme Alves, (2007, p. 18) "esse ensino não é válido como recursos de comunicações entre interlocutores na sociedade hodierna em razão da ausência de outros meios técnicos a serem utilizados na sala de aula".

Para o autor citado, esse postulado baseia-se no processo de aprendizagem e se observa na maneira como os seres adquirem novos conhecimentos, desenvolvem competências e mudam o comportamento. Trata-se de um processo complexo que, dificilmente, pode ser explicado apenas através de recortes do todo.

Assim, a aprendizagem pode ser definida como uma modificação do comportamento do indivíduo no decorrer de seu aprendizado, fazendo com que o mesmo passe a evoluir na sua vida fazendo que os sujeitos passem a conquistar seus objetivos e suas conquistas, tudo o que se passa na vida de um indivíduo é um aprendizado diferente fazendo assim, que o sujeito adquira novos conhecimentos contínuos diariamente. Conforme Alves (2007),

A aprendizagem começa através de um processo contínuo tendo o princípio começando através da convivência familiar, pelas culturas, tradições e vai aperfeiçoando-se no ambiente escolar que vem complementar o aprendizado do aluno, passando assim fazer parte da vida social do indivíduo que buscar adquirir uma aprendizagem. (ALVES, 2007, p.37)

Assim, existem diversas situações que favorecem o aprendizado da leitura e escrita que é desenvolvido processualmente; mas, existem muitos problemas que podem causar dificuldades na aprendizagem de um sujeito, esses empecilhos devem ser combatidos veementemente por todos os educadores que acreditam em uma educação diferenciada, especialmente nas séries iniciais, no contexto de uma formação inicial da criança.

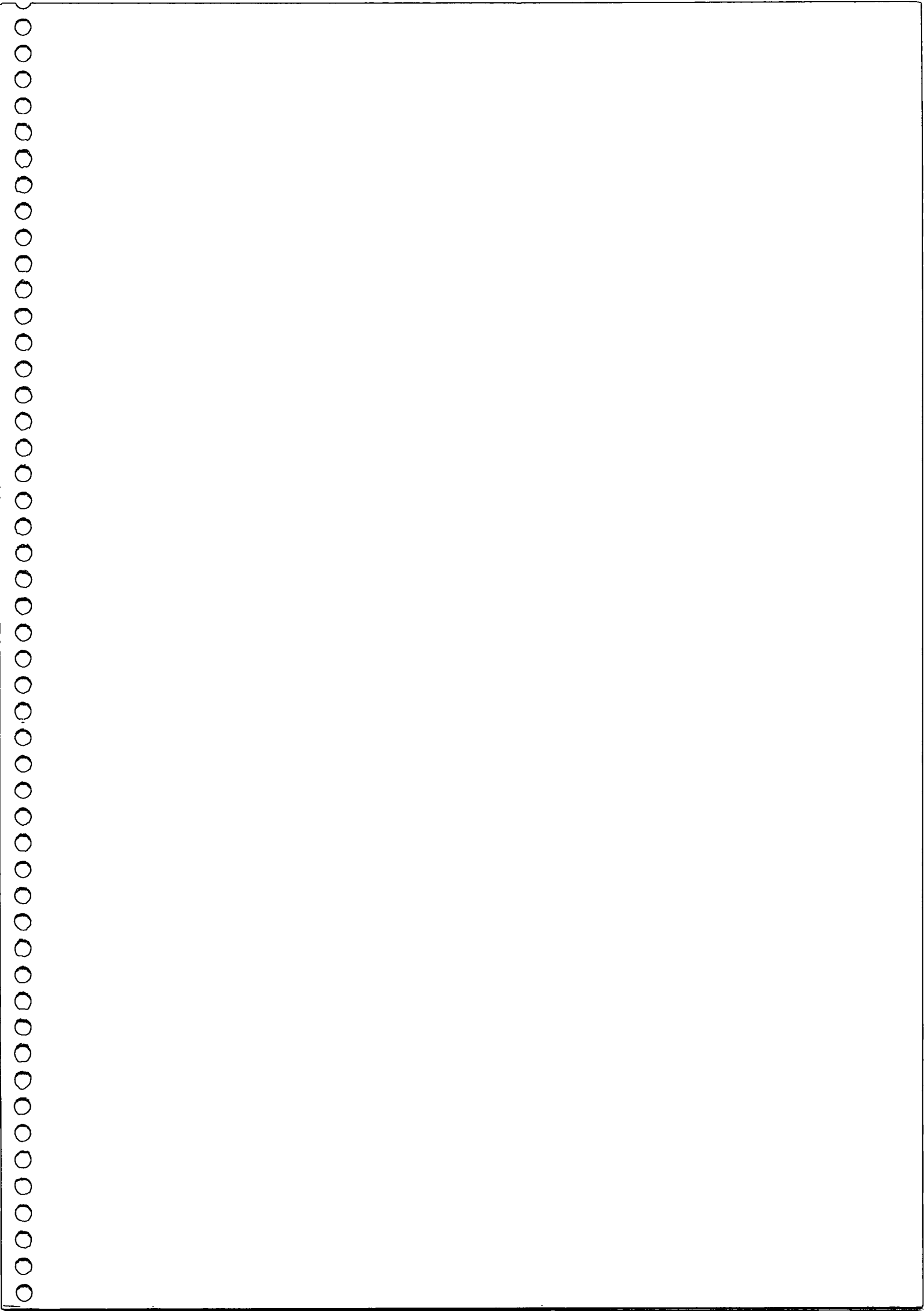
Assim, para que a leitura e escrita sejam desenvolvidas, é preciso, antes de tudo, que perceba dificuldades que dificultam esse aprendizado, tais como: um ambiente familiar que não estimule a criança a estudar, causando desinteresse na criança, um ambiente familiar com pouca influência sociolinguística, pode interferir no desenvolvimento das aptidões e habilidades desempenhadas pela criança, além falta de acompanhamento dos pais nas atividades dos filhos, uma vez que se torna imprescindível para a aprendizagem um ambiente doméstico tranquilo e saudável.

2.2 A ESCOLA E O DESENVOLVIMENTO DO SUJEITO

Conforme o passar do tempo, o perfil do aluno vai sendo (re) construído, a cada geração, as pessoas sinalizam mudanças no modo de aprender, como se comportam, como esperam adquirir conhecimento. Tavares contribui com essa discussão afirmando que “percebemos que o aluno é sujeito e não mais objeto dessa educação, e isso implicam em dizer que ele deixa de ser reativo e passa a ser proativo e protagonista”.

Nesse contexto, não se pode mais para pensar e organizar uma escola pautada no modelo da educação de séculos anteriores, na qual todos os alunos são organizados de maneira a ficarem enfileirados e em silêncio, recebendo conhecimento, e o professor era o grande protagonista, o transmissor e único detentor do conhecimento.

No entanto, atualmente, o perfil desses alunos é totalmente diferente, com o advento das novas tecnologias e com o dinamismo das ações sociais, se torna necessário um repensar nas metodologias aplicadas pelos professores em sala de



aula. É preciso que o desenvolvimento da criança na escola perpassasse por questões metodológicas e do reconhecimento desta enquanto sujeito central do processo educativo. Ou seja, o professor tem que adequar e diversificar os seus métodos de ensino, considerando que o desenvolvimento da criança depende de como a escola interpreta o papel do professor e do aluno em sala de aula.

O aluno é e deve ser o sujeito do seu próprio aprendizado, se superando, buscando maneiras de aprimorar os seus conhecimentos e evidenciando a sua formação educacional não importando quais dificuldades ele tem, enfrentando as diversas situações e sendo protagonista de sua vida[...] o êxito escolar não depende do sexo ou da categoria social e que qualquer um pode ser bem sucedido na escola, desde que estude. (CHARLOT, 2013, p. 141).

O sistema educacional deve realizar uma revisão das práticas utilizadas, pois em pleno século XXI, com as tecnologias em evidencia, com as crianças, adolescentes e jovens cada vez mais dominando essas ferramentas. O professor, por sua vez, deve perceber que algumas metodologias precisam ser repensadas. É evidente que o professor, muitas vezes, se fecha em sua sala de aula e procura resolver os problemas sozinho, mas não está sozinho nesse contexto, deve procurar o apoio das equipes e dos seus colegas também.

A escola deve ser encarada como uma comunidade educativa, permitindo mobilizar o conjunto dos atores sociais e dos grupos profissionais em torno de um projeto comum. Para tal é preciso realizar um esforço de demarcação dos espaços próprios de ação, pois só a clarificação se pode alicerçar uma colaboração efetiva. (NÓVOA, 1995, p. 35)

Diante deste cenário ela continua sendo para muitos o único canal de informação e comunicação com a cultura e o mundo. Sendo valorizada e preservada, mostrando-se mais sólida e resistente do que até mesmo a família. Além de permanecer sólida em seus fundamentos é reconhecidamente imprescindível para atender das demandas de formação intelectual e transmissão formal da cultura, conhecimentos e valores, preparando os indivíduos para as formas de convivência social que constitui a essência da tarefa escolar.

Essa reflexão permite compreender a escola como uma instituição social, fruto de um compromisso entre a estrutura formal e as interações que produzem em seu interior a partir da participação da família e do envolvimento de toda comunidade escolar, mobilizados em torno de um projeto comum, que a permita transformar o seu espaço e a sua gestão sem perder a sua função educativa e seu

papel de instituição socializadora. A escola pensada, hoje, no contexto da contemporaneidade é marcada por profundas transformações.

Assim é que a educação une o passado com o futuro, comunica a herança cultural das gerações precedentes à luz das exigências do mundo de amanhã. O conhecimento transmitido pela escola expressa também esse duplo movimento resume um legado e antecipa possibilidades.

É relevante reconhecer que a nova legislação educacional, a Lei de Diretrizes e Bases – LDB – a Lei 9.394/96 tem exercido um papel marcante no cenário da educação brasileira no sentido de promover reformas necessária sendo a primeira a estabelecer atribuições para os estabelecimentos de ensino, assegurando-lhes flexibilidade e autonomia.

Utilizar todas as oportunidades de contato com os pais, promovendo encontros positivos entre pais e professores a fim de utilizar todas as oportunidades para trocar experiências na busca de soluções para os problemas e parceria para a realização de um projeto educativo que evidencie o desenvolvimento da criança e a sua aprendizagem. (BENCINI, 2003, p. 38)

Uma conscientização se faz necessária para que se possam redefinir os papéis (família e escola) na busca de cooperação e parceria para a realização de um ensino de qualidade balizada na relação dialógica entre pais, professores e alunos no sentido de construírem coletivamente o projeto político-pedagógico da escola que dê à instituição a sua identidade própria.

Neste sentido, considera-se que sirva de instrumento norteador de suas ações educativas, que abra horizonte para construção de recursos e mecanismos que venham fortalecer a escola, preparando-a para o enfrentamento de novos desafios. Possibilitando-lhe romper com as barreiras que impedem o bom desempenho do trabalho docente.

Acontece que um dos desafios mais importante que nos é colocado é o de atendermos às eventuais áreas de funcionamento da escola enquanto organização burocrática, integrada num sistema de ensino, público, tradicionalmente centralizado, no qual, aparentemente, mesmo os mais pequenos detalhes se encontram regulamentados universalmente, sendo contudo capazes de evitar explicações simplistas, de tipo determinista. (LIMA, 2011, p. 40).

A escola só poderia ser caracterizada por refletir os constrangimentos normativos, e outros que lhe são impostos unilateralmente no atendimento da clientela que a escola recebe proporcionando um aprendizado de qualidade, todo um conjunto escolar sendo bem executado trará um aprendizado educacional com êxito no final do ano letivo, atendendo assim, aos contribuintes do modelo burocrático e do modelo anárquico e mesmo a certos elementos que têm atraído dos outros modelos, procurando operar uma articulação que, embora se apresente relativamente difícil, valerá a pena tentar, em função dos benefícios de análise que é legítimo esperar.

O controle burocrático é a máxima expressão de um modo de administração da educação, identifica-se e confunde-se com o próprio aparelho de controle central uma máquina burocrática gigantesca que pretende centralizar o ensino e aprendizagem.

2.3 A DOCÊNCIA E SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NOS ANOS INICIAIS

A questão do fazer pedagógico tem sido bastante discutida pelos educadores preocupados, sensíveis e comprometidos com a promoção expressiva dos seus alunos, na perspectiva de favorecer o surgimento de atores autônomos, críticos e criativos na sociedade local e planetária. Portanto, uma educação de qualidade está diretamente condicionada ao fato do professor compreender que o seu fazer pedagógico é também determinante para desenvolver o intelecto dos alunos e por via de consequências as dimensões sociais.

Fundamentalmente, é importante perceber que a efetiva formação do professor em serviço se dá por meio do confronto entre a reflexão sobre os conhecimentos advindos da sua prática e as teorias que explicam, questionam, polemizam, indagam e permitem melhor compreender essa prática.

Um dos objetivos de qualquer bom profissional consiste em ser cada vez mais competente em seu ofício. Geralmente se consegue esta melhoria profissional mediante o conhecimento e a experiência: o conhecimento das variáveis que intervêm na prática e a experiência para dominá-las. (ZABALLA, 1998, p.13) "

É importante que os educadores internalizem a convicção de que um trabalho de bons resultados acontece quando sua dedicação é total, limitado não

somente em sala de aula junto aos seus alunos, mas na procura para inovar a sua prática.

O saber não chega sem a procura, e os docentes precisam se conscientizar de que o fazer pedagógico só tem eficiência quando mudamos nossa prática educativa buscando atender as necessidades reais e urgentes dos nossos alunos, procurando novas técnicas e inovando as aulas para poder assim fazer a diferença naquela rotina diária fazendo com que sua clientela possa se interessar em participar das atividades de aula o professor é o mediador principal no aprendizado de seus alunos, proporcionando a eles um potencial diferenciado no aprendizado educacional. Segundo Tardif (2002 p. 118), "ao entrar em sala de aula, o professor penetra em um ambiente de trabalho construído de interação humana."

Um dos grandes desafios dos educadores é penetrar no mundo real dos alunos, isso acontece quando o aluno consegue acreditar no trabalho que os mesmos realizam na coautoria de seus fazeres. O fazer pedagógico de qualidade protocola os alunos, eleva sua autoestima, fazendo o próprio educando confiar em suas potencialidades e apesar de muitos virem de uma realidade social cruel, somente através do trabalho desenvolvido pelo professor conseguem acreditar que é possível mudar sua qualidade de vida.

O ensinamento que na sua prática busca a melhoria social e intelectual dos seus alunos acredita que os mesmos são capazes de reescrever sua própria história. Construindo sua própria trajetória.

O interesse pelas questões do cotidiano escolar acompanha justamente o crescimento da pesquisa do tipo etnográfico, que se tornou muito popular na década de 1980, quando surgiram muitos trabalhos com a intenção de descrever as atividades de sala de aula e as representações dos atores escolares (PLACCO, 2010, p.13)

Investigar as especificidades do cotidiano escolar é tarefa das mais urgentes, para tentarmos compreender, por exemplo, como os docentes escolares se apropriam das normas oficiais dos regulamentos, das inovações, o conhecimento advindo das questões educacionais é algo primordial na aprendizagem educacional, para que se possa obter uma formação adequada é necessária o docente deve procurar se qualificar e adquirir novos conhecimentos.

Compreender o trabalho pedagógico requer entender o movimento histórico em que se constituiu. Produzir conhecimento em nossas relações de

trabalho no plano individual e coletivo, contudo, nem sempre se tem consciência desse fato. O sistema educativo sofre influência das transformações através dos tempos e das modificações e evoluções que sempre vem acontecendo.

Aprender deixa de ser apenas um significado singular e assume uma vertente plural. "Ao contrário da memorização privilegiada ao longo dos séculos, a aprendizagem assume um status de ser ressignificada, de ser construída sobre o aprender a ser, aprender a viver junto, aprender a conhecer e aprender a fazer." (DELORS, p.32, 1996).

Todas as ações e experiências vividas pelo professor são partes da organização do trabalho pedagógico. O professor passa por muitas experiências no decorrer de seu trabalho educacional e a cada dia de aula, é um novo aprendizado para o docente que vem cada vez mais evoluindo e buscando se qualificar proporcionando a sua clientela, algo novo e diferenciado. De acordo Maseto (1998, p.183) "a expressão do fazer pedagógico comporta vários significados, entre eles está o trabalho realizado por toda a escola."

Nesse sentido, refletir a própria prática implica o fazer pedagógico como resultado da interação do professor com seus alunos, em sala de aula e em outros espaços e é nesse contexto que este fazer torna-se uma ação de toda a escola, num ato de cooperação mútua, tendo em vista o compromisso ético da comunidade educativa para o sucesso dos alunos as metodologias aplicadas pelo professor devem sempre está de acordo com os conteúdos escolares que são passados pelo orientador, da escola, mas, o professor pode acrescentar novas metodologias diferenciadas podendo assim, fazer a diferença no âmbito escolar.

O cotidiano pedagógico, interpõe-se entre o que o professor pensa, enquanto um ideal a ser atingido, e aquilo que realmente faz. Não há mera transposição do pensar para o agir, mas sim um movimento mediado pela concretude dos desafios do dia-a-dia. (LAROCCA, p. 62, 2000).

Esse desafio exige um novo enfoque que considere a articulação entre teoria e prática educativa, na busca de caminhos para uma efetiva integração. Moraes (1997) afirma que, para uma nova maneira de pensar a questão educacional, tendo como referência uma visão de totalidade, uma nova ordem global para a própria mente humana seria necessária uma compreensão de mundo mais ampla e que se busque um novo paradigma para a educação capaz de nos levar a uma questão que envolve o processo de construção do conhecimento,

sua organização e seu funcionamento, associados à necessidade de desenvolvimento de uma nova visão de mundo, capaz de colaborar para um novo reposicionamento do homem e da mulher neste mundo.

A forma como a criança aprenderá e de que maneira o professor sendo mediador irá transmitir essa aprendizagem é de suma importância. Para que possa construir indivíduos pensantes, é necessário avaliar de que maneira o docente deve se portar, se capacitar, se auto avaliar, e em como ele deve ser apaixonado pelo que faz que o mesmo compreenda que cada indivíduo é diferente do outro, e que seja preciso paciência e dedicação para lidar com cada um.

Portanto, cabe aos professores e não somente aos familiares transmitir valores para essas crianças, digo que essa responsabilidade chega ser até mais que o próprio professor do que da própria família. O mediador é quem irá ensinar como aquela criança deve se comportar como ela irá se relacionar, e futuramente saber pensar sobre fatos ocorrentes no dia a dia.

Sabe-se que ao entrar na escola, a criança já traz consigo alguns valores de dentro de casa, aqueles que ele aprende com os pais e familiares e que muitas vezes podem contribuir de forma satisfatória ou não para os educadores. O fato é que o que é ensinado muitas vezes para criança por "alguns responsáveis" por ela dentro da família, acaba de certa forma prejudicando um pouco a formação desse aluno, não quer dizer que os pais estejam errados ao ensinar, porem alguns assuntos como a integração deles com outros coleguinhas, a maioria por causa de classes sociais, não está integrada nesses valores.

A vivência acaba sendo um desafio para professores, às relações interpessoais estão se complicando a cada dia e consequentemente afetando no ensino aprendizagem, pois muitas vezes as crianças não querem ter essa relação de união com os outros colegas o que complica a formação de autoconhecimento e respeito entre os mesmos. (MORAES, p. 54, 1997)

Portanto, é justamente por isso que o professor não tem apenas o papel de ensinar a parte teórica, mas também ser a pessoa responsável para que a criança conviva de maneira harmoniosa com os demais, fazendo assim que futuramente ele conviva bem em todo ambiente que for inserido.

É necessário que o professor busque estratégias para que o aluno fale um pouco sobre ele, sobre seu dia a dia, seus afazeres, suas críticas, preocupações e



até medos, já que muitas vezes o aluno acha no professor “um melhor amigo” para falar o que lhe aflige, também fará o educador conhecer um pouco sobre cada aluno, podendo assim trabalhar com cada personalidade e trazer soluções para algumas problemáticas que aparecem no decorrer da aprendizagem. Compreende-se que a formação dos valores não deve ser apenas explorada e compreendida, mas também vivida.

Nesse contexto, é imprescindível observar que o professor não deve privilegiar a memorização dos conteúdos. Estes devem estar contextualizados a uma realidade sócia histórica, uma vez que o educando faz parte de uma sociedade em constante transformação e os conteúdos trabalhados na escola precisam estar relacionados à sua prática social. Nesse sentido,

O conhecimento de mundo do educando deve ser considerado relevante para que a prática educativa seja concretizada e levada além do contexto escolar. Para que a escola tenha sentido para o aluno, é preciso também que o professor ofereça condições e provoque situações que o leve a pensar, criticar e desenvolver o aspecto cognitivo, baseando-se na sua experiência de vida. (ZABALLA, p. 42, 1998)

Embora a realidade da educação brasileira esteja centrada no modelo de perguntas e respostas e o professor se sinta muitas vezes impotente diante das dificuldades, ele deve persistir e acreditar que, gerando a dúvida no aluno, o conhecimento se concretizará, transformando-se em experiência. Destaca-se, ainda, que a escola e a família devem exercer sua responsabilidade no processo de formação do educando.

Esta tem a responsabilidade na formação do caráter da criança para que aquela possa trabalhar os conhecimentos do aluno relacionando-os aos que traz de fora.

Ao ingressar na escola, a criança deve receber orientação para analisar e generalizar os elementos da realidade rumo à formação de conceitos, imprescindíveis ao desenvolvimento de suas funções psíquicas, visando seu desenvolvimento integral, como sujeito da aprendizagem. Por isso,

Ao interagir com esses conhecimentos, o ser humano se transforma: aprende a ler e a escrever, obter o domínio de formas complexas de cálculos, construir significados a partir das informações descontextualizadas, ampliar seus conhecimentos, lidar com conceitos científicos hierarquicamente relacionados. (VYGOTSKY, 1991, p. 42)

Portanto, isso quer dizer que as atividades desenvolvidas e os conceitos aprendidos na educação escolar introduzem novos modos de operação intelectual: abstração e generalizações mais amplas acerca da realidade que por sua vez transformam os modos de utilização da linguagem. Como consequência, na medida em que o sujeito expande seus conhecimentos, modifica sua relação cognitiva com o mundo.

No entanto, conforme Vygotsky, para que a mediação pedagógica ocorra, o professor necessita partir do conhecimento sincrético, aquele que o aluno possui de forma desorganizada, para chegar ao conhecimento sintético, aquele que o aluno se apropriará com a intervenção do professor.

2.4 CONTRIBUIÇÕES DO ACOMPANHAMENTO FAMILIAR PARA A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA

A família contribui bastante no aprendizado da criança, quando desde bem pequenos os familiares participam diretamente da vida cotidiana, da criança, educando-o ensinando-o de forma prazerosa aquela criança que com o aprendizado que tem em casa, passa a desenvolver melhor seus conhecimentos, podendo assim chegar à escola e não ter muitas dificuldades na leitura e na escrita.

Diante disso, o aluno tende passar a ter mais facilidades em aprender a ler e a escrever, é muito importante que uma criança tenha uma atenção especial em casa os pais devem contribuir no aprendizado do filho para assim, eles poderem desenvolver o que aprenderam com a família.

Desta forma, "a aprendizagem da escrita é precisa ser bem trabalhada, já que envolve o domínio de distintas habilidades, tanto no desenvolvimento motor, quanto nas habilidades ortográficas, e trata-se de um processo relacionado com o estilo de aprendizagem, por meio dos níveis estruturais". (ELLIS, 1995. p. 149)

O processo da aprendizagem da escrita é de suma importância na vida do escrito, deve ser bem trabalhada de maneira que o sujeito passe a ter domínio na sua escrita o professor é o mediador principal nesse processo podendo passar atividades ortográficas, pequenos textos, pinturas e outras metodologias que possa trabalhar a coordenação motora da criança; ou seja, deve se ter estímulo pela

parte do processo de aprendizagem que tem como objeto ensinar e educar aos alunos.

É necessário uma aproximação entre família e escola, um maior incentivo ao aluno por parte da família, professores bem preparados para lidar com essas dificuldades, buscando melhorias tanto nos métodos de ensino quanto na parte psicológica de seus alunos. (FREIRE, 1996, p.25)

A família é vista como a base da sociedade, porém diante das mudanças econômicas, políticas e, sobretudo sociais, vê-se a instituição familiar estruturada de forma totalmente diferente de anos atrás. O antigo padrão familiar, antes constituído de pai, mãe e filhos e outros membros, cujo comando centrava-se no patriarca e/ou matriarca, deixa de existir e em seu lugar surgem novas composições familiares.

Dessa forma, famílias constituídas sob as mais variadas formas, desde as mais simples, formadas apenas por pais e filhos, outras formadas por casais oriundos de outros relacionamentos, até famílias composta por homossexuais e famílias apenas composta por avós e netos, o que não significa que estas novas formações não possam ser consideradas famílias. Constituídas de forma diferente, mas famílias.

Embora a legislação seja clara e forneça todo o embasamento legal no que tange à inclusão familiar no contexto escolar, isso não tem sido suficiente para superar o grande atraso do sistema educacional – uma das questões cruciais de educação de sociedades contemporâneas – que perseguem um sistema que assegure a otimização de uma tarefa essencial em suas destinações históricas.

A educação não é uma tarefa que a escola possa realizar sozinha sem a cooperação de outras instituições e, a nosso ver, a família é a instituição que mais perto se encontra da escola. Sendo assim se levarmos em consideração que Família e Escola buscam atingir os mesmos objetivos, devem elas comungar os mesmos ideais para que possam vir a superar dificuldades e conflitos que diariamente angustiam os profissionais da escola e também os próprios alunos e suas famílias. (NOGUEIRA, 2002, p. 173)

É importante que a família esteja engajada no processo ensino/aprendizagem. Isto tende a favorecer o desempenho escolar, visto que o convívio da criança com a família é muito maior do que o convívio com a escola. Percebe-se, dessa forma, que a família possui papel decisivo na educação formal

e informal, pois, além de refletir os problemas da sociedade, absorve valores éticos e humanitários e aprofunda os laços de solidariedade.

NA realidade, uma boa relação entre a família e a escola deve estar presente em qualquer trabalho educativo que tenha como principal alvo, o aluno. A escola deve também exercer sua função educativa junto aos pais, discutindo, informando, orientando sobre os mais variados assuntos, para que em reciprocidade, escola e família possam proporcionar um bom desempenho escolar e social às crianças, uma vez que “se toda pessoa tem direito à educação, é evidente que os pais também possuem o direito de serem, senão educados, ao menos, informados no tocante à melhor educação a ser proporcionada a seus filhos”. (PIAGET, 2007, p. 50).

. Assim, é indispensável à participação da família na vida escolar dos filhos, pois crianças que percebem que seus pais e/ou responsáveis estão acompanhando de perto tudo o que está acontecendo, que estão verificando o rendimento escolar – perguntando como foram as aulas, questionando as tarefas etc. – tendem a se sentir mais segura e, em consequência dessas atitudes por parte da família, apresentam melhor desempenho nas atividades escolares.

Sendo assim, é indispensável que a família esteja em harmonia com a instituição, uma vez que a relação harmoniosa só pode enriquecer e facilitar o desempenho educacional das crianças. Esteves (1999) assegura que a família renunciou às suas responsabilidades no âmbito educativo, passando a exigir que a escola ocupe o vazio que eles não podem preencher. Sendo assim, o que se vê hoje são crianças chegando à escola e desenvolvendo suas atividades escolares sem qualquer apoio familiar.

Há de se destacar, portanto, a necessidade de uma parceria entre Família e Escola, visto que, apesar de cada uma apresentar valores e objetivos próprios no que se refere à educação de uma criança, necessita uma da outra e, quanto maior for à diferença maior será a necessidade de relacionar-se.

Essa erosão do apoio familiar não se expressa só na falta de tempo para ajudar as crianças nos trabalhos escolares ou para acompanhar sua trajetória escolar. Num sentido mais geral e mais profundo, produziu-se uma nova dissolução entre família, pela qual as crianças chegam à escola com um núcleo básico de desenvolvimento da personalidade caracterizado seja pela debilidade dos quadros de referência, seja por quadros de referência que diferem dos que a escola supõe e para os quais se preparou. (TEDESCO, 2002, p. 36).

Diante da colocação acima, entende-se que a família deve, portanto, se esforçar para estar mais presente em todos os momentos da vida de seus filhos, inclusive da vida escolar. No entanto, esta presença implica envolvimento, comprometimento e colaboração. O papel dos pais, portanto, é dar continuidade ao trabalho da escola, criando condições para que seus filhos tenham sucesso tanto na sala de aula como na vida.

Assim, essas diferenças e necessidades ficam evidentes que é importante ressaltar que nem a escola e nem a família precisam modificar a forma de se organizarem, basta que estejam abertos à troca de experiências mediante uma parceria significativa. A escola não funciona isoladamente, faz-se necessário que cada um dentro da sua função, trabalhe buscando atingir uma construção coletiva, contribuindo assim, para a melhoria do desempenho escolar das crianças.

A família, em consonância com a escola e vice-versa, são peças fundamentais para o pleno desenvolvimento da criança e conseqüentemente são pilares imprescindíveis no desempenho escolar. Entretanto, para conhecer a família é necessário que a escola abra suas portas, intensificando e garantindo sua permanência.

Portanto, não existe uma fórmula mágica para se efetivar a relação família/escola, pois, cada família, cada escola vive uma realidade diferente. Igualmente, a interação família/escola se faz necessário para que ambas conheçam suas realidades e construam coletivamente uma relação de diálogo mútuo, buscando meios para que se concretize essa parceria, apesar das dificuldades e diversidades que as envolvem. O diálogo promove uma maior aproximação e pode ser o começo de uma grande mudança no relacionamento entre a Família e a Escola.

3 DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NAS SÉRIES INICIAIS: PERCEPÇÕES DE PROFESSORES DA EMEIF JUVENAL FERREIRA, EM JAMANXIM, TRAIRÃO- PARÁ.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA PESQUISADA

A Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental Juvenal Ferreira Lima, está localizada na BR 163, Km 1333 na comunidade de Jamanxim, no município de Trairão- Pará. Foi construída com o apoio da SUDAM e inaugurada em 01 de maio de 1984, pelo prefeito Francisco Xavier de L. Mendonça.

Foi revitalizada em 2020, onde construiu- se banheiros, telhado, forro e piso novos, fechaduras e instalações elétricas. Atualmente conta com cinco salas de aulas, um depósito de merenda, quatro banheiros, sendo um para os funcionários, dois banheiros feminino e dois masculinos, uma secretaria, uma cozinha, uma sala da direção, uma sala de professores, uma quadra de areia e espaço amplo para atividades de recreação.

Atualmente, o quadro de colaboradores é formado por cinco docentes, um auxiliar administrativo, três funcionários de serviços gerais, um vigia e uma gestora. Atendeu um quantitativa de 105 alunos no ano de 2020, com aulas remotas atendendo todos os protocolos de segurança em tempos de pandemia, do Jardim I ao 9º ano, considerando- se que há turmas que funcionam em regime de multisséries.

A escola também dispõe de um poço artesiano, geladeira, freezer, bebedouro, fogão industrial, armário de cozinha, arquivos documentais, um computador, três impressoras, uma televisão, quinze ventiladores, artefatos de banda marcial, dentre outros.

A instituição de ensino prima pelas diretrizes da LDB 9394/96, que atribui, no Art. 2º, A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Também considera- se o Art. 3º, em que o ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

1. Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
2. Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;

3. Pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;
4. Respeito à liberdade e apreço à tolerância;
5. Existência de instituições públicas e privadas de ensino;
6. Gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
7. Valorização do profissional da educação escolar;
8. Gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;
9. Garantia de padrão de qualidade;
10. Valorização da experiência extraescolar;
11. Vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.

Portanto, a EMEIF Juvenal Ferreira Lima, tem o compromisso de integrar o indivíduo à sociedade, por meio da inclusão e acesso à educação com desenvolvimento integral, preparando-o para a cidadania.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia da pesquisa deste trabalho, foi fundamentada em referências bibliográficas de autores titulares, uma vez que foi feito um levantamento teórico com autores como (BRASIL, 1998), (CAGLIARI, 1998), (FERREIRO, 1989), (FERREIRO, 2001), (GARCIA, 2001), (MOREIRA, 2002), dentre outros; ocorreu também uma investigação a respeito e uma investigação de campo de cunho qualitativo; que buscou analisar através de percepções de professores, as dificuldades que consistem em desafios da alfabetização e letramento nos anos iniciais, na EMEIF Juvenal Ferreira, em Jamanxin, Trairão- Pará.

A Pesquisa com abordagem qualitativa, ressaltou algumas características específicas; por isso fez-se necessário à investigações e estudos. Moreira (2002, p. 52), a observação participante é conceituada como sendo "uma estratégia de campo que combina ao mesmo tempo a participação ativa com os sujeitos, a observação intensiva em ambientes naturais, entrevistas abertas informais e análise documental".

A investigação teve como direcionamento as seguintes questões: Quais os problemas que consistem em desafios para a alfabetização e letramento nos anos iniciais? Quais estratégias metodológicas são trabalhadas pelos professores, para

a alfabetização dos alunos? A instituição escolar dispõe de recursos humanos e materiais para o desenvolvimento da alfabetização nos anos iniciais?

Os objetivos que essa pesquisa almejou alcançar, tratou-se de analisar as percepções de professores quanto aos desafios da alfabetização e letramento nos anos iniciais; identificar desafios dos professores para a alfabetização e letramento de alunos nos anos iniciais, observar procedimentos metodológicos utilizados pelos docentes para a alfabetização e letramento dos alunos e verificar recursos humanos qualificados e materiais disponíveis na escola, para o trabalho de desenvolvimento do ensino aprendizagem dos alunos nos anos iniciais.

O presente estudo teve como sujeitos de pesquisas, quatro professores da referida escola, em Novembro de 2020. Os dados serão coletados por meio de questionário elaborados, através de entrevistas individuais, com coletas e análises de dados, com discursão sobre as respostas e sugestões de propostas contribuintes; e por fim a conclusão de todo o estudo, com os referenciais bibliográficos utilizados para o embasamento teórico de todo o trabalho.

3.3 PERFIS DOS ENTREVISTADOS

Para concluir este trabalho, foram investigados quatro professores que trabalham na escola. Destes, três são do sexo feminino, com trinta e três, trinta e seis e trinta e oito anos respectivamente, estão graduados em Licenciatura em Pedagogia, trabalham há mais de cinco anos na instituição e já trabalharam em outras escolas. Apenas duas dessas professoras, são pós-graduadas em Educação Infantil e gestão.

Também foi investigado um professor, graduado em Letras, tem trinta e nove anos de idade, trabalha há quatro anos na escola e já trabalhou em outra instituição de ensino. O mesmo é especializado em Metodologias para o ensino Língua Portuguesa.

3.4 RESULTADOS DA PESQUISA COM OS PROFESSORES

Atualmente percebe-se que o letramento não é só de responsabilidade do professor de língua portuguesa ou dessa área, mas de todos os educadores que

trabalham com leitura e escrita e cada educador, é responsável pelo letramento em suas diferentes áreas de estudo.

O ato de letrar abrange o processo de desenvolvimento e o uso dos sistemas de leitura e escrita na sociedade, desse modo, se refere a um conjunto de práticas, que vem modificando a sociedade. Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno, designa práticas de leitura e escrita. Por isso, a investigação iniciou-se com os problemas que consistem em desafios na alfabetização e letramento nos anos iniciais.

Quadro 1- Quais os problemas que consistem em desafios para a alfabetização e letramento nos anos iniciais na escola? **Fonte:** Professores da EMEF Juvenal Ferreira, em Jamanxim- Trairão-Pará/2020.

PROFESSOR(A)	RESPOSTAS
P1	A falta de material didático, de metodologias eficazes e livros que tratam a realidade do aluno.
P2	Precisa-se de apoio psicológico para crianças que têm dificuldades em aprender, pois os mesmos só conferem com os professores e seus conhecimentos.
P3	Falta tudo, de materiais ao apoio familiar.
P4	Faltam materiais, apesar de produzirmos o necessário, mas ainda é pouco.

Conforme os investigados sobre problemas que consistem em desafios da alfabetização e letramento, os mesmos responderam que a falta de materiais didáticos, de livros que eficazes, apoio psicológico para alunos que têm dificuldades de aprendizagem e metodologias diversificadas, apoio da família, são desafios a serem superados na escola.

Atualmente, compreende-se que as práticas sociais de leitura e escrita assumem um problema relevante no contexto de que a população embora alfabetizada, não denomina as habilidades de leitura e de escrita necessárias para uma participação efetiva e competente nas práticas sociais e profissionais que envolvem a língua escrita.

Assim, a discussão tem sido intensa nos últimos anos, em relação aos problemas da aprendizagem inicial da escrita, o domínio precário de competências de leitura e de escrita necessárias para a participação em práticas sociais letradas e as dificuldades no processo de alfabetização e letramento.

Neste sentido, Fernandes (2010) acredita que o desafio do educador é o envolvimento no processo de ensino aprendizagem em que existe a necessidade de conhecimento do contexto atual da criança inerente às práticas pedagógicas diárias do professor, pois a criança que possui o primeiro contato com o momento da leitura e da escrita deve construir o conhecimento, através do contato com o objeto, juntamente a mediação do professor, que deve propor momentos de interação que permitam ao aluno uma aprendizagem da língua oral e da escrita de acordo com as características da época atual e de sua realidade.

O ensino da leitura e da escrita nos anos iniciais do ensino fundamental pode ser enriquecido através da aplicação dos gêneros textuais, dentro de sua diversidade, podem ser utilizados jornais, revistas em quadrinhos, livros de versos, rótulos de latas, caixas, garrafas, listas de compras, receitas e até mesmo bulas de remédios. O ensino da leitura está sempre frente à criança. À seguir, interrogou-se sobre metodologias dos professores para a alfabetização dos alunos.

Quadro 2: Quais estratégias metodológicas são trabalhadas pelos professores, para a alfabetização dos alunos? **Fonte:** Professores da EMEF Juvenal Ferreira, em Jamanxim- Trairão-Pará/2020.

PROFESSOR(A)	RESPOSTAS
P1	Diante da situação em que se encontra a educação, utiliza-se o que se pode para que o aprendizado aconteça. Precisa-se de estratégias como trabalhos coletivos, oficinas de leitura, dentre outros.
P2	Dentro das possibilidades, brincadeiras educativas e demais que possam facilitar o aprendizado da criança.
P3	O lúdico precisa ser trabalhado mais na escola.
P4	Leituras, brincadeiras, jogos com cartazes, palavras soltas, recorte e colagens, dentre outras.

Conforme os professores investigados, são utilizadas diversas estratégias, como trabalhos coletivos, oficinas, jogos, recortes e colagens, dentre outros, tendo o conhecimento de que é necessário o uso da ludicidade.

É um momento de extrema importância para que o educador desenvolva as práticas de leitura e escrita no convívio escolar, o contato com diversos textos, o entendimento destes pelas crianças, que poderá incentivar a desenvolverem a prática de adentrar no mundo letrado com mais facilidade. Assim, as crianças estarão sendo preparadas para conhecerem o mundo que as rodeiam, assimilando a maneira correta de compreender o código e refletir sobre ele, através de formas interessantes de aprender.

A experiência com textos variados e de diferentes gêneros é fundamental para a constituição do ambiente de letramento, a seleção do material escrito, portanto, deve estar guiada pela necessidade de iniciar as crianças no contato com diversos textos e de facilitar a observação de práticas sociais de leitura e escrita nas quais suas diferentes funções e características sejam consideradas. Nesse sentido, os textos de literatura geral e infantil, jornais, revistas, textos publicitários, entre outros, são os modelos que se podem oferecer as crianças para que aprendam sobre a linguagem que se usa para escrever. (BRASIL, 1998, p. 151-152).

Considera-se que a alfabetização escolar tem sido alvo de várias controvérsias teóricas e metodológicas, exigindo das escolas e dos profissionais que lidam com o desafio de alfabetizar. É um momento de extrema importância para que o educador desenvolva as práticas de leitura e escrita no convívio escolar, o contato com diversos portadores de textos, o entendimento dos textos pelas crianças irá incentivar a desenvolverem a prática de adentrar no mundo letrado com mais facilidade. Assim, as crianças estarão sendo preparadas para conhecerem o mundo que as rodeiam.

Assim, é necessária uma proposta pedagógica que dê suporte ao pleno desenvolvimento desses aspectos envolvidos na aprendizagem da leitura e da escrita desde o início da escolaridade, tendo em vista que a alfabetização é o início do ato de proporcionar ao aluno, a formas de utilização da escrita para diferentes finalidades. Prosseguindo o estudo, a questão sobre recursos didáticos pedagógicos para a alfabetização nos anos iniciais.

Quadro 3- A instituição escolar dispõe de recursos didáticos- pedagógicos para o desenvolvimento da alfabetização nos anos iniciais? Quais? **Fonte:** Professores da EMEF Juvenal Ferreira, em Jamanxim- Trairão- Pará/2020.

PROFESSOR(A)	RESPOSTAS
P1	Bem poucos, pois os professores é que se propõem a conseguir, a produzir e trabalhar a realidade dos alunos.
P2	O que pode oferecer. Considerando-se que alfabetizar vai além do uso de alguns livros, precisa-se de diversos materiais pedagógicos para serem usados e confeccionados também.
P3	A escola dispõe do básico mesmo. E os professores precisam reinventar para dar certo. Uma boa aula exige isso.
P4	O básico, para não favorecer um ensino de qualidade. Precisa-se de mais artefatos para se produzir recursos para uma sala de aula e aulas interessantes, motivadoras e fascinantes para a aprendizagem eficaz.

Quanto à escola dispor de materiais didáticos pedagógicos, os investigados responderam que os recursos disponíveis são bem poucos, e os professores precisam articular para a produção de tais recursos. Também enfatizaram que é o

que tem, considerando-se que esses materiais vão além de livros didáticos. E a precisa-se de mais, para que possam utilizar a fim de proporcionar aulas motivadoras e interessantes aos alunos, objetivando eficiência na aprendizagem.

Conforme Freitas (2007) enfatiza que recursos didáticos são todos os componentes do ambiente de aprendizagem que visam estimular e aproximar o aluno do conteúdo a ser estudado, nesse caso de forma lúdica e através de brincadeiras. Nessa perspectiva, os recursos e materiais didáticos se constituem como facilitadores da relação professor, aluno e conhecimento e, ainda, como ferramentas educativas que auxiliam na transposição de ideias e conteúdos trazendo-os para a realidade vivenciada pelo aprendiz, desde os mais simples materiais, como quadros de giz, por exemplo, até os mais sofisticados, como os computadores e outros recursos tecnológicos, na medida do possível.

Neste contexto, acredita-se os saberes que possuem os professores nessa etapa de ensino, podem auxiliar esses profissionais a refletirem e avaliarem as suas ações na sala de aula, ampliando, desse modo, o seu leque de possibilidades de construção de metodologias de ensino e a produção de recursos didáticos pedagógicos, que promovam a inserção e a continuidade do processo de aprendizagem da leitura e da escrita, a partir do uso de recursos diversificados, que fazem parte do universo das crianças que integram, principalmente, a etapa inicial da educação básica, facilitando o letramento.

Afinal, ser professor alfabetizador significa ter conhecimento em teoria, mas esta precisa estar vinculada com a prática, com a experimentação, que é o ato de entender todo embasamento teórico que a profissão de educador busca para a sala de aula. É constante que em sua formação o docente precise estudar, a fim de aprimorar seus conhecimentos sobre os métodos e recursos de alfabetização. O olhar crítico do formado e sua perspectiva sobre alfabetização, o levará a reconhecer as possíveis maneiras de ensinar, aprimorando assim sua prática pedagógica com recursos viáveis e promissores.

Esses recursos precisam ser sólidos e direcionados a uma prática que seja contextualizada com a realidade dos alunos e com características próprias e pessoais. Esse cuidado faz toda a diferença tanto no processo como no resultado. Seguindo, a questão sobre a qualificação dos professores e estratégia de ensino na alfabetização, questionou-se sobre a qualificação.

Quadro 4- Os professores estão qualificados para trabalhar a alfabetização dos alunos? Justifique sua resposta. **Fonte:** Professores da EMEF Juvenal Ferreira, em Jamanxim- Trairão- Pará/2020.

PROFESSOR(A)	RESPOSTAS
P1	São pedagogos e letrados. Porém, se não houver materiais e uma escola estruturada, o aprendizado poderá acontecer, mas não de forma eficiente e mais rápida.
P2	Sim. Fazem o que podem para resolver esse problema.
P3	Estamos sim. Cada qual dentro de suas áreas de conhecimento. Mas precisa de muito mais para amenizar esses desafios.
P4	Estão sim. Mas falta apoio e materiais apropriados para o desenvolvimento da leitura e escrita das crianças.

Ao serem interrogados sobre a qualificação dos docentes, todos responderam, por unanimidade, que estão sim, qualificados, mesmo dentro de suas áreas de conhecimento, Mas que basta muito mais para resolver o problema. Na realidade, faltam recursos didáticos- pedagógicos e apropriados para o desenvolvimento da leitura e escrita.

Neste sentido, é preciso que a escola disponha de professores alfabetizadores e que estes precisam estar habilitados, serem competentes, criativos e cientes de sua responsabilidade de formação dos sujeitos como intelectuais e cidadãos comprometidos com a transformação social. É essencial, também, que haja discussões sobre o tema alfabetização e letramento nos cursos de formação de docentes e nos cursos ou reuniões de formação continuada, de modo que gerem reflexões sobre o tema e a prática docente, buscando soluções para problemas específicos da alfabetização e procurando desenvolver os profissionais e as instituições de ensino para que a educação tenha cada vez mais qualidade e que chegue ao aprendizado. (SOARES, 2003).

Neste sentido, o professor alfabetizador deve promover tanto a alfabetização como o letramento, de maneira, que o ensino do código alfabético seja conciliado com o seu uso social em diferentes ocasiões. Enfim, o docente deve também utilizar de novas metodologias, da ludicidade, criar estratégias de ensino de acordo com as características de seus alunos, sem esquecer que a educação é um ato político e deve romper com as situações de opressão que muitas vezes as pessoas sofrem e nem a percebem e possam se libertar no ambiente escolar.

De um professor qualificado, é primordial ao se tratar de prática pedagógica, reconhecer que os alunos já possuem conhecimentos prévios, assim, é importante que o docente faça um diagnóstico do conhecimento de seus alunos, para saberem de onde devem partir e planejar suas atividades.

Assim, partindo da prática social, o conteúdo terá sentido para os alunos, que irão construindo conhecimentos gradativamente e desenvolvendo uma atitude transformadora da sociedade, pois ele perceberá que conhecimento científico faz parte da sua vida e pode contribuir para melhorá-la e construir sua identidade. O estudo prosseguiu, questionando-se possíveis projetos desenvolvidos pela escola, para a alfabetização dos alunos.

Quadro 5- A escola desenvolve projetos para facilitar a alfabetização dos alunos? De que forma?
Fonte: Professores da EMEF Juvenal Ferreira, em Jamanxim- Trairão- Pará/2020.

PROFESSOR(A)	RESPOSTAS
P1	Não. As aulas são em turmas mesmo e atividades coletivas são desenvolvidas apenas nas recreações.
P2	Somente aulas normais, apenas há reuniões pedagógicas para algumas orientações e direcionamentos.
P3	Neste sentido, não.
P4	Os projetos são os professores que desenvolvem em suas salas de aulas.

Apenas os professores desenvolvem seus projetos em sala de sala de aula, afirmaram os investigados. Nas aulas de recreação é que são desenvolvidas de forma coletiva quando não em sala de aula e somente há reuniões para orientações e direcionamentos para afazeres pedagógicos.

A alfabetização supera o paradigma de mera tarefa de codificação e decodificação, ao tempo que situa a aprendizagem do código a partir dos usos sociais da escrita atribuindo-lhes sentido e significado com base nas diferentes situações de utilização. Nesse sentido, há uma ampliação da questão metodológica, que se referindo. (FRADE, 2007, p. 29),

Dessa forma, precisa-se desenvolver projetos pedagógicos, a fim de superar as dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização, que já se tornou um fator existente no cotidiano escolar, levando a refletir e analisar esse processo, e também propor que haja uma mudança nas práticas pedagógicas com a finalidade de auxiliar a criança na aquisição e no desenvolvimento de habilidades que facilitem no processo de aprender a ler e escrever e também aproveitar sua leitura de mundo.

Assim, considera-se dificuldade de aprendizagem, uma resposta insuficiente do aluno a uma exigência ou demanda da escola. Muitas crianças com dificuldades têm sido ignoradas, mal diagnosticadas e mal tratadas, pelos próprios

professores como alunos preguiçosos e desinteressados. É preciso rever essas questões.

Neste caso, o professor deve propiciar alternativas favoráveis para que alunos possam superar eventuais dificuldades que apresentam, por meio de projetos que visem e objetivem facilidades para o aprendizado dos alunos. Sobretudo, muitos professores questionam-se quanto ao que fazer, de que forma e qual o momento ideal. É necessário que haja um olhar voltado ao próprio processo de ensino aprendizagem na alfabetização e no letramento para o sucesso de todos. Dando continuidade ao estudo, a questão sobre a contribuição dos pais com a educação dos filhos.

Quadro 6. Os pais contribuem com a educação dos filhos? Como? **Fonte:** Professores da EMEF Juvenal Ferreira, em Jamanxim- Trairão- Pará/2020.

PROFESSOR(A)	RESPOSTAS
P1	Nem sempre. Alegam que não têm tempo devido aos trabalhos. Só comparecem quando é reunião e nem todos estão presentes.
P2	Poucos, fazem isso, são frequentes e participa na escola.
P3	Eles deixam exclusivamente para a escola, essa tarefa e os professores devem se preocupar como aprendizado das crianças. Alegam que falta tempo, pois precisam trabalhar para sustentar a família.
P4	Os pais também têm suas outras obrigações. Por isso, contribuem na medida do possível ou quando podem, na educação dos filhos.

Ao serem interrogados sobre a contribuição dos pais na educação dos filhos, os professores foram enfáticos ao responderem nem sempre há essa participação e contribuição dos pais, por que os mesmos trabalham para sustentar a família , não têm tempo e há outras obrigações, e que os mesmos comparecem quando podem e nas reuniões nem todos se fazem presentes.

Diante disso, a família também poderá contribuir com as práticas de leitura e de escrita, incentivando o treinamento das crianças em casa, para que ao chegarem à escola, possam desenvolver o trabalho com mais facilidade, recebendo logo no início da aprendizagem o gosto pela leitura e pela escrita.

Na realidade, crianças cujas famílias participam de atos de leitura desde muito cedo, vindo de familiares escrevendo e lendo , chegam à escola conhecendo muitos do uso e funções sociais da língua escrita, diferente de crianças oriundas e de famílias pouco alfabetizadas, entendem que texto escrito é aquele que a escola lhes apresenta. Compreende-se que a perspectiva psicogenética alterou a concepção do processo de construção da representação da língua escrita pela

criança, que deixa de ser considerada como dependente de estímulos externos para aprender o sistema de escrita.

Essa concepção está presente nos métodos de alfabetização que se encontra em uso, designados "tradicionais" e passa a ser sujeito ativo capaz de construir esse sistema de representação interagindo com a língua escrita e em uso de práticas sociais, em que a aprendizagem se dá por uma progressiva construção do conhecimento, na relação da criança com o objeto "língua escrita". Assim, se dá o aprendizado e nasce mais um leitor no mundo educacional. Enfim, a questão que aborda os benefícios dos pais para a aprendizagem do aluno.

Quadro 7: Quais são os benefícios que os pais na escola proporcionam para a aprendizagem dos alunos? **Fonte:** Professores da EMEF Juvenal Ferreira, em Jamanxim- Trairão- Pará/2020.

PROFESSOR(A)	RESPOSTAS
P1	Com a presença, participação e ajuda dos pais, as crianças têm maior desempenho nos estudos e vê-se a evolução deles. A criança precisa da presença dos pais como incentivo também.
P2	A educação familiar já traz um grande bem para a criança. E na escola, a presença dos pais é necessária, pois facilita o desenvolvimento na aprendizagem dos filhos, pelo incentivo e prazer de ver os pais onde concebe conhecimentos.
P3	Nada melhor que a presença dos pais na escola, para dar aquele empurrãozinho na criança. E isso vale muito, considerando-se que os pais são autoridades na vida das crianças.
P4	Na realidade é uma presença necessária. São personagens que fazem parte da vida da criança. E estas, sentem importantes, com alguém que as valorizam. A escola precisa da presença dos pais para motivar os filhos.

Encerrando as entrevistas, verificou-se os benefícios que a presença dos pais proporcionam para a aprendizagem dos filhos e os entrevistados afirmaram que a presença dos pais aumenta o desempenho dos filhos na escola, ocorre o desenvolvimento educacional esperado, que os pais são autoridades e são importantes na vida das crianças, pois a valorização destas aos pais traduz um fator importante para a evolução educacional, considerando o fator "motivação".

Os pais devem comungar dos mesmos ideais para que possam vir a superar dificuldades dos filhos na escola. "A escola nunca educará sozinha, de modo que a responsabilidade educacional da família jamais cessará. Uma vez escolhida a escola, a relação com ela apenas começa. É preciso o diálogo entre escola, pais e filhos". (REIS, 2007, p. 6)

Considera-se que uma boa relação entre a família e a escola deve estar presente em qualquer trabalho educativo que tenha como principal alvo, o aluno, especificamente na alfabetização para que este se sinta seguro e motivado. A

escola deve também exercer sua função educativa junto aos pais, discutindo, informando, orientando sobre os mais variados assuntos, para que em reciprocidade, escola e família possam proporcionar um bom desempenho escolar e social às crianças.

A escola, portanto, precisa ter um corpo docente qualificado, que estabeleça conteúdos específicos para cada etapa de ensino, pensados em termos de desenvolvimento de capacidades, habilidades e ações voltadas à linguagem. Os currículos precisam priorizar a alfabetização e letramento, baseados no critério de complexidade, realidade e relevância social. Isso possibilitará ao aluno o uso efetivo da língua nas práticas cotidianas de leitura e escrita, além da reflexão sobre as características discursivas e linguísticas presentes nos textos, de forma gradativa.

3.5 PROPOSTAS CONTRIBUINTES

Ao ser trabalhado o processo de aprendizagem da criança, as modalidades de linguagem verbal dialogam-se na perspectiva do letramento, o qual vem sendo visto como um fator central, que afeta a cognição por intermédio do desenvolvimento tanto na transformação conceitual do sujeito quanto na cultural e deve ser interpretado como algo geral que vai além da competência para a escrita, levando o sujeito a construir sua identidade.

Neste aspecto, de acordo com a pesquisa na EMEF Juvenal Ferreira, no Jamanxim em Itaituba- Pará, os desafios do letramento e alfabetização são ocorrentes, constituem um problema para a instituição. Por isso, foi preciso a sugestão de algumas propostas educacionais, que possam contribuir com a prática pedagógica do professor, para que haja um melhor aprendizado na alfabetização e letramento nos anos iniciais

- Verificar dificuldades dos alunos a fim de buscar assistência psicopedagógica adequada.
- Utilizar-se de metodologias fascinantes, motivadoras e que incentivem os alunos para o aprendizado . *
- Incluir a ludicidade e a afetividade nas práticas pedagógicas.
- Desenvolver projetos que envolvam os pais no ambiente escolar, a fim de motivar os alunos.

- Desenvolver oficinas que trabalhem diversas formas de conteúdos, enfatizando a leitura e a escrita.

Diante disso, é necessário que haja práticas de alfabetização e de letramento nas salas de aula, em que as crianças interajam na cultura escrita, na participação em experiências variadas também com a leitura.

Na realidade, para o desenvolvimento do conhecimento, precisa-se compreender a função social que a leitura e a escrita trazem e fazem a diferença na vida do sujeito. Contudo, é importante reconhecer as possibilidades e necessidades de promover a conciliação entre essas duas dimensões da aprendizagem da língua escrita, integrar alfabetização e letramento, sem perder, a especificidade de cada um desses processos, a fim de haver, realmente o aprendizado e o aluno possa ler e escrever, interpretar e compreender textos.

Mediante isso, o letramento é conhecido como um estudo de quem exerce práticas sociais de leitura e escrita, de quem participa de eventos em que a escrita é integrante no processo de interpretações, interações, atitudes e competências discursivas e cognitivas, que tende a trazer um diferenciado estado de inserção em uma sociedade letrada, que compreende o mundo em que vive.

CONCLUSÃO

O referido trabalho desenvolveu-se a partir de uma pesquisa bibliográfica e de campo, com abordagem qualitativa na EMEF Juvenal Ferreira, em Jamanxim, município de Trairão- Pará, onde abordou-se os desafios da alfabetização e letramento, em que os professores, como agentes diretos da educação escolar, têm dificuldades nesta questão. Em relação a isso, a aprendizagem só vai acontecer se houver um esforço didático e a compreensão, por parte dos que ensinam, de que elas são realmente importantes e podem determinar, em menor ou maior dimensão, a efetiva participação cidadã. Isso porque o domínio de habilidades letradas é cada vez mais exigido nas práticas sociais.

Diante disso, percebeu-se que os desafios constantes, consistem na falta de materiais e livros adequados, falta de metodologias eficazes, de oficinas de leitura, de trabalhos coletivos que motivem os alunos. Também observou-se que precisa-se de metodologias diversificadas eficazes e motivadoras, para que a aprendizagem ocorra na realidade. Verificou-se que a escola precisa de mais requisitos de suporte para o professor.

Os professores afirmam que os pais sempre estão ausentes do ambiente escolar, por motivo de trabalhos, que a educação escolar é beneficiada com a presença dos pais, pois estes são personagens que fazem a diferença na vida dos filhos e na escola, não é diferente.

Neste sentido, o letramento, designa a ação educativa de desenvolver o uso de práticas sociais de leitura e escrita em contextos reais de uso, onde inicia-se um processo amplo que torna o indivíduo capaz de utilizar a escrita de forma deliberada em diversas situações sociais. Sobretudo, a construção da linguagem escrita na criança faz parte de seu processo geral, se dá como um trabalho contínuo de elaboração cognitiva por meio de inserção no mundo da escrita pelas interações sociais e orais, considerando a significação que a escrita tem na sociedade, considerando-se que o aluno já conhece a leitura de mundo, ao adentrar a escola.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Doralice Veiga. **Psicopedagogia: Avaliação e Diagnóstico**. 1 Ed. Vila Velha- ES, ESAB – Escola Superior Aberta do Brasil, 2007.
- BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 2013.
- BENCINI, Roberta. **Como atrair os pais para a escola**. Revista Escola, São Paulo, p. 38-39, abr. 2003
- BRANDÃO, C.R. **O que é o método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretária de Educação Fundamental. **Departamento da Educação Fundamental. Coordenação Geral de Educação Infantil. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: Conhecimento de Mundo**. Brasília, 1998. V. 3, p. 151-152.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2001.
- DELORS, J. **Educação: um Tesouro a descobrir**. São Paulo. FTD, 1996.
- ELLIS, A. **Leitura, escrita e dyslexia: uma análise cognitiva**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- FERNANDES, Maria. **Os segredos da alfabetização**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.
- FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.
- FRADE, I. C. A. S. **Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização: perspectivas históricas e desafios atuais**. Revista Educação. Santa Maria. Vol. 32. n.1. p. 21-39. 2007.

FREITAS, O. **Equipamentos e materiais didáticos** – Brasília: Centro de Educação a Distância. Universidade de Brasília, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura: teoria & prática**. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.

KRAMER, SONIA. **Alfabetização leitura e escrita: formação de professores em curso** –São Paulo: Ática, 2010.

LARocca, P. **O saber psicológico e a docência: reflexões sobre o ensino de psicologia na educação**. Psicologia ciência e profissão, Brasília, a. 20, n. 2, 2000.

LIBERATO, Y. **Um modelo de descrição da leitura**. In: **É possível facilitar a leitura: um guia para escrever claro**. São Paulo: Contexto, 2007

LIMA, Licínio C. **A escola como organização educativa: uma abordagem sociológica** São Paulo: Cortez, 2011.

MASETTO, M. **Didática: a aula como centro**. São Paulo. FTD, 1998.

MENDONÇA. O. S. **Alfabetização método sociolinguístico: Consciência social, silábica e alfabética em Paulo Freire_3 ed.**_ São Paulo: Cortez, 2009

MORTATTI, M.R.L. **HISTÓRIA DOS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL**. Conferência proferida durante o Seminário "Alfabetização e letramento em debate", 2006. Disponível em: <<http://www.unijpa.edu.br/historia-dos-metodos-dealfabetizacao.pdf>> Acesso em: 02 Nov. 2020.

MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente**. Campinas, SP: Papirus, 1997.

NÓVOA, Antônio. **Para uma análise das instituições escolares**: in Nóvoa Antônio. **As organizações escolares em análise**. Lisboa: Dom Quixote, 1995

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. **O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola**. São Paulo: 2010.

REIS, Risolene Pereira. In. **Mundo Jovem**, nº. 373. Fev. 2007, p.6.

ROJO, Roxane. **Letramento e Multimodalidades**. Ática, São Paulo, 2011

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Trabalho apresentado na 26ª Reunião Anual da ANPED, Minas Gerais, 2005

TARDIF, Maurice. **Saberes docente e formação profissional**. Rio de Janeiro: Vozes 2002.

VYGOTSKY, L.S.A. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ZABALLA, A. **Os Enfoques didáticos o construtivismo em sala de aula**. São Paulo Cortez 1998.

ZILBERMAN, Regina. **Sociedade e Democracia da Leitura**. Estado de Leitura. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.

<https://www.webartigos.com/artigos/a-escola-enquanto-espaco-de-desenvolvimento-humano/107257> acesso em 25 de abr. de 2019.

APÊNDICES



**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA-LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA-FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA.**

Este questionário integra o Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Pedagogia da faculdade de Itaituba- Pará, intitulado "Desafios da alfabetização e letramento, em uma escola pública em Jamanxim, Trairão- Pará".

QUESTIONÁRIOS PARA O PROFESSOR

- Identificação: Sexo: _____ Idade: _____
- Escolaridade- Graduação: _____
- Pós- Graduação: _____
- Tempo de trabalho na educação: _____
- Tempo de trabalho nesta escola: _____
- Já trabalhou em outra instituição: _____

1. Quais os problemas que consistem em desafios para a alfabetização e letramento nos anos iniciais na escola?

2. Quais estratégias metodológicas são trabalhadas pelos professores, para a alfabetização dos alunos?

3. A instituição escolar dispõe de recursos didáticos- pedagógicos para o desenvolvimento da alfabetização nos anos iniciais? Quais?

4. Os professores estão qualificados para trabalhar a alfabetização dos alunos? Justifique sua resposta.

5. A escola desenvolve projetos para facilitar a alfabetização dos alunos? De que forma?

6. Os pais contribuem com a educação dos filhos? Como?

7. Quais são os benefícios que os pais proporcionam na escola para a aprendizagem dos alunos?

Obrigada!